
REPRESENTAÇÕES DA PAISAGEM NA HISTÓRIA: AS MULHERES NA BAIXA IDADE MÉDIA

REPRESENTATIONS OF LANDSCAPE IN HISTORY:
WOMEN IN THE LATE MIDDLE AGES

REPRESENTACIONES DEL PAISAJE EN LA HISTORIA:
LAS MUJERES EN LA BAJA EDAD MEDIA

Érika Cristiane Pinheiro de Melo¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo principal realizar uma avaliação das representações da mulher presentes no “Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos” e nas “Fontes Dominicanas – As Vidas dos Irmãos, de Gerardo Franchet”, que trata-se de crônicas das ordens mendicantes produzidas no período medieval. Para isso, do ponto de vista metodológico, fizemos um pequeno recorte no âmbito das fontes laicas das Cantigas de Santa Maria, de autoria de Afonso X, o Sábio (as fontes que serão trabalhadas neste trabalho estão destacadas na sua segunda parte). Desse modo, através deste artigo buscamos apresentar o contexto em que as fontes foram produzidas e o lugar em que circularam. Isto justifica o título do presente artigo, que se trata de uma breve comunicação que, para além de fazer constatações históricas, busca localizá-las geograficamente, bem como os objetivos para as quais foram produzidas, quem as produziu e porquê.

Palavras-chave: Mendicantes. Mulheres. Representações. Hagiografia. Idade Média.

¹ Membro colaborador da equipe de investigação do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, doutoranda em História da Idade Média pela Universidade de Coimbra sob a orientação do Professor Doutor Saul António Gomes, mestre em História da Idade Média pela Universidade de Coimbra, com diploma reconhecido pela Universidade Federal de Goiás, graduada em História pela Universidade Federal do Pará (2000). Docente efetiva da Secretaria de Educação do Estado do Pará desde 2004. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3081-3964>. E-mail: erikacpm.8@gmail.com

Agradecimento: Agradeço a meu orientador de Mestrado da Universidade de Coimbra Doutor Saul Antonio Gomes.

Artigo recebido em agosto de 2022 e aceito para publicação em outubro de 2022.

ABSTRACT: This present work has as main objective to realize an evaluation of the women's representation present in the *Treatise of the Life and Martyrdom of the Five Martyrs of Morocco* (Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos) and in the *Dominican Sources - The Lives of the Brothers, by Gerardo Franchet* (Fontes Dominicanas – As Vidas dos Irmãos, de Gerardo Franchet), which are chronicles of the mendicant orders produced in the medieval period. For this, about the methods, we made a systematization in the scope of the secular sources of the “Cantigas de Santa Maria”, authored by Afonso X, o Sábio (the sources that will be considered on in this work are highlighted in its second part). Thus, through this article we seek to present the context in which the sources were produced and the place in which they circulated. This justifies the title of this paper, which is a small communication that, in addition to making historical findings, seeks to locate them geographically, as well as the objectives for which they were produced, who produced them and why.

Keywords: Mendicants. Women. Representations. Hagiography. Middle Ages.

RESUMEN: El presente trabajo tiene como principal objetivo realizar una evaluación de las representaciones de la mujer presentes en el “Tratado de Vida y Martirio de los Cinco Mártires de Marruecos” y en las “Fuentes Dominicanas – As Vidas dos Irmãos, de Gerardo Franchet”, que trata de crónicas de las órdenes mendicantes producidas en la época medieval. Para ello, desde el punto de vista metodológico, hicimos un pequeño recorte en el alcance de las fuentes seculares de las Cantigas de Santa Maria, de autoría de Afonso X, o Sábio (las fuentes que se trabajarán en este trabajo se destacan en su segunda parte). Así, a través de este artículo buscamos presentar el contexto en el que se produjeron las fuentes y el lugar en el que circularon. Esto justifica el título de este artículo, que es una breve comunicación que, además de hacer hallazgos históricos, busca ubicarlos geográficamente, así como los objetivos para los que fueron producidos, quiénes los produjeron y por qué.

Palabras clave: Mendicantes. Mujeres. Representaciones. Hagiografía. Edad Media.

INTRODUÇÃO

A mulher medieval está idealizada no modelo bíblico, em duas tipologias, uma, a daquela que é o exemplo bom a ser seguido, como imagem da perfeição: Maria. A outra, a da pecadora que conduz os homens à perdição, a causadora dos males humanos, que levou a raça humana a se corromper: Eva. Não podemos esquecer que “a mentalidade medieval perante a mulher foi construída a partir de um estereótipo clerical que a definiu como Eva, a tentadora, Maria, a salvadora, e Madalena, a pecadora arrependida. Vivendo numa sociedade, onde as regras eram ditadas pelos homens, que caracterizavam como funções primordiais, o *munus* sacerdotal e a função bélica, às mulheres, excluídas destas funções, apenas coube uma função: a de procriadora” (TAVARES, 1998).

Caracterizar a mulher no período medieval é sempre um grande desafio, pois há que se buscar múltiplas fontes e “ouvi-las” corretamente, já que ouvimos as vozes femininas quase sempre através das vozes masculinas. “Os homens têm a palavra. Nem todos certamente: a grande maioria cala-se. São os clérigos, homens da religião e da Igreja, que governam o escrito, transmitem os conhecimentos, comunicam ao seu tempo, e para além dos séculos, o que se deve pensar das mulheres, da Mulher” (KLAPISCH-ZUBER, 1990). É principalmente por esse motivo que escolhemos, em parte, um universo monástico para obtermos informações sobre a mulher medieval já que são esses homens que determinam ideologicamente quais as funções da mulher dentro da sociedade medieval.

O nosso trabalho centra-se, então, em fazer uma avaliação das representações da mulher, presentes no Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos e nas Fontes Dominicanas – As Vidas dos Irmãos, de Gerardo Franchet crónicas das ordens mendicantes durante o período medieval. Nesta perspectiva, nosso estudo insere-se no contexto de surgimento das ordens mendicantes, no qual procuraremos mostrar as diversas formas nas quais as personagens femininas aparecem nesses textos, bem como apresentar ainda a intenção dessas aparições para o público leitor dessa literatura.

Trataremos sobre as ideias associadas à mulher e à santidade, a partir da exposição de modelos ou *exempla* clássicos de santidade referenciados no interior da Igreja, em especial do franciscanismo e do dominicanismo. Em seguida, procuraremos mostrar a relação de proximidade entre a figura da mulher e do pecado, frisando a concepção cristã de Eva, dos pecados mortais e da mulher associada sobretudo ao pecado da luxúria; na última parte daremos prioridade à análise das fontes procurando evidenciar a representação que estas fazem das mulheres, privilegiando-as como “objetos de milagres”, como “instrumento do pecado” e como “concretização da tentação”. Na conclusão do trabalho faremos um balanço acerca da forma como são vistas as mulheres nas crónicas mendicantes.

Reconhecemos que este trabalho ocupar-se-á apenas de um pequeno aspecto do mundo feminino medieval, olhado a partir de algumas representações das mulheres. Contudo, entendemos que ele pode contribuir de alguma forma para alargar o conhecimento que já se tem sobre a mulher nesse período, vista aqui a partir de fontes elegidas por nós e que vão desde o nascimento do franciscanismo até os finais da Idade Média.

Reservamos para a primeira parte o tratamento das informações que pensamos necessárias para a compreensão do trabalho que aqui apresentamos, por acreditarmos que um estudo como este deve conter em suas páginas elementos que facilitem o entendimento de todos os que vierem a consultá-lo.

Trataremos ainda, nessa primeira parte, da origem da trajetória feminina na perspectiva religiosa judaico-cristã, de uma forma geral, a partir da visão bíblica da mulher. Será a partir desse ponto que exporemos a problemática, já que esse trabalho está centrado no ambiente religioso e mais especificamente na literatura hagiográfica e crónicas mendicantes.

A parte seguinte está estruturada com o objetivo de mostrar primeiramente a problemática deste estudo. Para isso, iniciaremos o primeiro capítulo fazendo um apanhado geral sobre a mulher durante o período medieval. Destinaremos, de facto,

alguns parágrafos a informar um pouco mais do mundo feminino dessa época, a fim de tornar mais clara a problemática que nos ocupa.

As fontes que serão trabalhadas encontram espaço de destaque no segundo capítulo. Para tanto, teremos a preocupação de mostrar o contexto em que foram produzidas, o lugar em que circularam, os objetivos para as quais foram produzidas, quem as produziu e porquê.

MÉTODO APLICADO

As fontes: origens, importância histórica e literária, objetivos e público-alvo

Ao iniciarmos o processo de pesquisa e de aproximação com a temática pareceu-nos interessante, face à necessidade de delimitar o campo de trabalho, escolhermos fontes que estivessem ligadas às ordens mendicantes e escritas em português, desde que voltadas para o mundo religioso monástico.

Propomo-nos neste momento, elucidar um pouco mais cada uma das fontes que utilizaremos no decorrer do nosso trabalho. São elas nomeadamente: *o Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos, as Fontes Dominicanas – A Vida dos Irmãos e as Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio*.

Abordaremos as fontes, uma a uma, subdividindo-as em itens para permitir uma melhor visão da importância de cada uma delas. O espaço aberto para as fontes conterà informações sobre as suas origens, importância histórica e literária dentro do que cada um dos autores que transcreveram as fontes nos fornecer e até mesmo informações externas que pudermos observar de cada uma delas.

Utilizaremos, como fontes específicas, para auxiliar-nos na compreensão desta problemática, as vidas de duas mulheres-modelos, Santa Clara de Assis e Santa Catarina de Sena, ligadas às ordens franciscana e dominicana. Trata-se de escritos das próprias Santas que já estão editados. A fonte referente a Santa Clara de Assis trata-se de uma coletânea de Escritos de autoria da própria Santa e abrange também documentos relativos a sua canonização, são as *Fontes Franciscanas II*, que são os escritos, biografias e documentos de Santa Clara de Assis, Ed. Fr. José António Correia Pereira, de 1996. A fonte utilizada para a auxiliar na compreensão da vida de Santa Catarina de Sena é uma compilação de suas correspondências ditadas – ela não sabia escrever – a pessoas que lhe acompanharam durante a vida e estão editadas em espanhol, reunidas na obra *El Dialogo* (SIENA, 1955).

As mulheres no contexto cronístico medieval

E longe do que outrora parecia a muitos estudiosos uma completa anulação da mulher na vida social medieval, a partir da década de 1980, se afirmam os primeiros grandes trabalhos sobre o universo feminino na Idade Medieval. Descortina-se ante os documentos deste período histórico um rico universo feminino e descobre-se o quanto a mulher está presente na história medieval de forma ativa.

As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da História. O desenvolvimento da antropologia e a ênfase dada à família, a afirmação da história das «mentalidades» mais atenta ao quotidiano, ao privado e ao individual, contribuíram para as fazer sair dessa sombra (DUBY; PERROT, 1990).

No interior desse “caminho”, de constantes descobertas no mundo feminino medieval e mendicante, passamos agora a expor os diversos problemas que nos proporemos a desenvolver ao longo desse trabalho e que envolve as mulheres no contexto cronístico mendicante, em obras traduzidas para o português.

Maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida (A BÍBLIA SAGRADA, 1969). Este é o começo da dolorosa caminhada da humanidade depois do pecado cometido por Adão e Eva no Paraíso. De uma primeira imagem bíblica de mulher, que mostra a companheira ideal, surge uma segunda ideia que prolongar-se-á através dos séculos, que é a da mulher pecadora, descontrolada das emoções, a grande culpada pelos males humanos.

É dentro dessa segunda ideia que é concebido o papel da mulher na sociedade medieval, já que os modelos de comportamentos ideais desse período são extraídos da Bíblia. A mulher submissa ao homem e sempre obediente a este é a conduta ideal para a figura feminina medieval e é isso que serve como forma de constante remissão do pecado original. A mulher ideal deve mostrar-se e ser casta, dedicada aos afazeres religiosos e ao objetivo de alcançar a santidade e, conseqüentemente, a salvação da sua alma. Essas representações remetem-se ao castigo imposto pelo Criador quando da queda de Eva, onde sentencia: “o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (A BÍBLIA SAGRADA, 1969).

Trabalharemos desta forma, como ponto de referência para os modelos de santidade, Santa Clara de Assis, no que refere-se aos franciscanos, e Santa Catarina de Sena, no que respeita aos dominicanos, nunca esquecendo do modelo principal de santidade para todas as ordens religiosas e para a Igreja que é Maria, Mãe de Jesus Cristo.

No decorrer do trabalho procuraremos mostrar quem é a mulher medieval que está plasmada nos *exempla* coligidos nas crônicas e nos textos hagiográficos desta investigação, quais as figuras femininas mais recorrentes: a santa ou a pecadora? Através desses problemas faremos uma análise comparativa da imagem feminina sobre os significados e as diversas épocas em que se passam os acontecimentos miraculosos que estudaremos. Faremos ainda uma comparação entre a vida das santas mencionadas e os diversos modelos de santidade.

Através das leituras e pesquisas em fontes e bibliografias vão-se descortinando à nossa frente os diversos modelos de mulheres que fazem parte do quotidiano medieval: as que cegam os homens levando-os a pecar, sendo a imagem do demónio, e àquelas que são a imagem da pureza e santidade da própria Mãe de Cristo, que renegam o mundo e os prazeres carnis e que são instrumentos para a libertação de muitos pecadores.

As representações das mulheres que encontramos nas crônicas, nos textos medievais são as mais diversas. Vimos, no desenvolver de cada uma das fontes estudadas, aparecerem-nos diversas mulheres sobre as quais incidem as mais variadas formas do

olhar masculino – já que são os homens que escrevem sobre as mulheres – que provém da concepção cristã de enxergar a mulher.

O universo feminino que aparece nas fontes que aqui exploramos é rico de informações pertinentes à imagem que se tinha da mulher no período medieval e não só o que se pensava dela no universo religioso, mas também no contexto do mundo exterior, quando representadas a partir do prisma da maternidade, do matrimônio, da castidade, da forma de vestir permitida, ou melhor, admitida pela Igreja, o que era profano a distinguir-se do que era santo entre outros. Enfim, uma infinidade de informações que podemos apreender e analisar no intuito de conhecer mais um pouco do universo feminino que um dia pareceu tão obscuro à história.

Apesar de todas as restrições sobre a mulher no período medieval, podemos conhecer através das diversas leituras pelas quais nos engendramos que a participação feminina nesse período aparece de forma significativa, pois podemos contar com diversas personagens femininas estruturadoras do ideário da religião cristã a partir dos seus primeiros séculos, as quais são figuras ativas e marcantes principalmente da vida monástica (DIAS, 2002). Em numerosos relatos primitivos hagiográficos aparece a participação ativa da mulher na divulgação do Evangelho de Cristo.

As mulheres que aparecem nas nossas fontes não são somente as mulheres dos estratos sociais mais abastados. Aparecem-nos também muitas mulheres das classes mais baixas como aquelas que trabalham no campo ou as que estão em casa a cuidar dos filhos, mas que colocam em primeiro plano a devoção a Deus e aos seus santos. Elas vão surgindo de forma simples, mas muito expressiva e podemos presenciar o seu cotidiano, a maneira de vestir, o cuidar amoroso dos filhos, os hábitos seus religiosos. Levar em consideração esses elementos analíticos, leva-nos à possibilidade concreta de não só caracterizar o cenário em que estas damas viviam, mas as representações construídas acerca delas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

DESCRIÇÕES DAS FONTES

Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos

A obra que aqui referimos não está somente voltada para um público monástico mendicante, mas também muito dirigida a um público mais alargado, ou seja, os fiéis cristãos. No entanto, assim como a obra anterior, esta tem também como objetivo a divulgação dos acontecimentos que perpassaram a vida dos Mártires franciscanos em terras africanas (MADAHIL, 1928).

Mesmo sendo o seu objetivo maior, a educação e a formação dos fiéis e a divulgação da Vida Gloriosa desses importantes mártires franciscanos, certamente não há que se esquecer os mesmos aspectos pedagógicos já vistos na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*. A vida destes cinco mártires reflecte o exemplo ideal da fé cristã, ou seja, até onde o verdadeiro cristão pode suportar a dor física, a resistência aos desejos carnis e às riquezas mundanas (COELHO, 1995).

Segundo António Gomes da Rocha Madahil, o texto está dividido da seguinte forma: o prólogo, o texto propriamente dito e a relação de milagres. O primeiro está datado de 1568. O texto declara ser tradução duma velha narrativa em latim, existente no Mosteiro de Santa Cruz. A relação de milagres vai datada de 1423 a 1530 (MADAHIL, 1928).

Assim, utilizaremos esta fonte por tratar-se de uma obra que faz parte do universo mendicante franciscano rica em relatos sobre a vida dos Mártires que também merecem destaque na citada *Crónica* e porque contêm episódios acerca das mulheres medievais e suas representações.

Tabela 1. Tabela de descrição das Fontes.

FONTE	DESCRIÇÃO	TIPO
Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos	Sua publicação original data de 1568 e foi impresso por João Álvares impressor da Universidade de Coimbra. Entretanto, não podemos deixar de salientar que a origem do documento é medieval. A tradução para a primeira impressão (1568) foi feita de um códice latino que se encontrava em Santa Cruz de Coimbra. Esta edição deve-se ao facto da devoção a estes Mártires franciscanos se ter espalhado pelo reino português. Utilizamos a edição de António Gomes da Rocha Madahil, feita no ano de 1928.	ECLESIASTICA
Fontes Dominicanas – As Vidas dos Irmãos, de Gerardo de Franchet.	A tradução utilizada foi “feita sobre a edição crítica latina publicada por REICHERT, Vitae Fratrum em Monumenta Ordinis Praedicatorum Historica, T. 1 e aperfeiçoada pelas questões críticas feitas e publicadas por KÄEPELLI em Scriptorum Ordinis Praedicatorum, Tom. 2, pp. 35-38 e conotada pela tradução espanhola publicada em Santo Domingo de Guzman, por Lorenzo Galmés y Vito T. Gomez, em BAC. 490, pp. 369-655, Madrid, 1987” (FONTES DOMINICANAS, 1990).	ECLESIASTICA
Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio.	As Cantigas são um conjunto de quatrocentas e vinte e sete composições em galego-português. Usamos a edição feita por Walter Mettmann, em 1959. Estão divididas em quatro volumes transcritos de quatro manuscritos do século XIII. Os códices utilizados para a edição que temos em mãos foram: o primeiro Códice j. b. 2 do Escorial (E) (texto-base da presente edição), o segundo T. j. I, também do Escorial (T), o terceiro Códice de Toledo, Primitivamente na Biblioteca do Cabido de Toledo, hoje na Biblioteca Nacional, Madrid (To), e o quarto manuscrito da Biblioteca Nazionale, Florença (F) (METTMANN, 1959).	SECULAR

Fonte: Dominicanas – As Vidas dos Irmãos, de Gerardo de Franchet.

As Vidas dos Irmãos está basicamente estruturada nos acontecimentos passados experienciados pelos frades da Ordem dos Pregadores. Está dividida em cinco partes, nomeadamente a do nascimento da Ordem, a do bem-aventurado Domingos, a de Mestre Jordão, a do progresso dos irmãos até à perfeição e, finalmente, a da morte dos irmãos.

É extremamente explícito o objetivo das linhas da obra que se seguem que é o de fazer com seus integrantes tenham a formação apropriada dentro da religião, progredam constantemente e conseqüentemente aperfeiçoem sua fé. Os conceitos moralizadores e doutrinários deverão surgir de acordo com a evolução espiritual de cada frade e de cada cristão.

Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio

As *Cantigas* estão basicamente divididas em dois grupos: o das cantigas à Virgem, que são aquelas nas quais cantam-se os milagres e as histórias em que ela intervém de forma directa ou indirecta. Já o segundo grupo é composto pelas cantigas de louvor e exaltação à Virgem, que parecem ser muito mais para a reflexão e a oração.

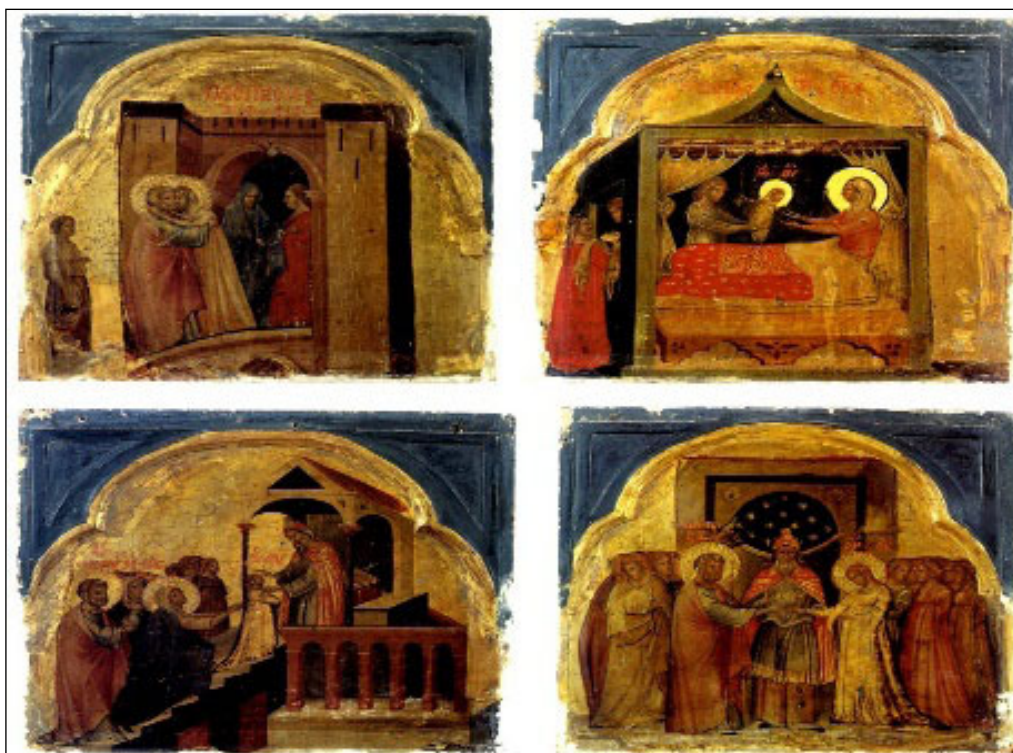
Diferentemente das outras fontes trabalhadas, as *Cantigas* são de procedência laica e por isso não estão voltadas especificamente para o universo monástico e nem para a educação dos recém-professos nas Ordens. No entanto, por trazerem imensas referências às mulheres medievais e por serem cantigas de louvor e devoção à Virgem, nos quais aliás, surgem também intervenientes originários dos claustros mendicantes, consideramos ser fonte de grande pertinência para o trabalho que aqui desenvolveremos.

OS IDEAIS FEMININOS: SANTA E PECADORA

Maria: o exemplo dos exemplos a ser seguido

A mulher santa ou a pecadora arrependida estão no período medieval num alto escalão de devoção da Igreja, pois ambas fazem parte do ideal de conduta requerido para a mulher. Elas tinham, dentro da própria Igreja, dois grandes exemplos: o de Maria, a virgem agraciada pelo Espírito Santo e que deu à luz a Cristo; e Maria Madalena, a pecadora arrependida que foi perdoada por Cristo e que teve o privilégio de ser a primeira a vê-lo, logo após a ressurreição.

A devoção à Virgem Maria no período medieval era muito grande. Em parte deve-se ao paralelismo feito pelos cristãos entre a Virgem-Mãe e a Igreja-Mãe “Essa razão fez com que a maioria das catedrais e grande número de Igrejas paroquiais tomasse a Virgem Maria por padroeira”. Na Península Hispânica, a festa principal era a da Maternidade celebrada a 25 de Março, a qual entretanto, teve a data modificada pelo Concílio de Toledo, em 656, pois essa festividade estava dentro do período de quaresma e isso impedia a respectiva celebração comemorativa. A grande devoção a Maria manteve-se bem viva mesmo em terras dominadas pelos Muçulmanos (COSTA, 1957).



Fonte: Paolo Veneziano (cenas da vida da Virgem – séc. XIV).

Figura 1. Maria (a Virgem).

Maria é o maior exemplo de santificação dentro da religião cristã, pois ela dá à luz o Redentor e é a Redentora da figura feminina, da humanidade, perante o Criador, cumprindo a profecia expressa em Génesis que afirma a inimizade entre a mulher e a serpente (diabo), entre a semente de ambas. Essa luta só poderia ser vencida através do cumprimento da profecia: “*esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar*” (Gn. 3, 15). Portanto, a reparação do pecado cometido no paraíso deveria vir através da semente da mulher³ e a escolhida para iniciar o “*tempo da graça*”⁴, para a Humanidade foi Maria.

Maria, a Mãe do Salvador, é dotada de todas as qualidades que deveriam possuir as mulheres cristãs. Esse é também um motivo que leva à devoção mariana a espalhar-se rapidamente por toda a Europa. Portugal não era exceção, já que desde a sua formação também dedica muitos templos à devoção mariana. Os mosteiros que iam surgindo, nomeadamente cistercienses, tinham Maria como padroeira, muitas vezes única, para além das vilas e cidades que também apelavam à protecção da Virgem-Mãe. Já nos séculos XIII a XV, “este padroado não era uma palavra vã, como tantas outras, porque Nossa Senhora era verdadeiramente a padroeira da vida pública e particular de todos os portugueses” (COSTA, 1957).

Como Mãe, podemos destacar ainda as infindas qualidades marianas destacadas na Bíblia, que teve sempre amor e apreço por seu Filho e que não o abandonou nem na hora da crucificação (Jo, 19, 25). E o próprio Jesus deu-lhe o título de Mãe de todos os cristãos quando ao olhar, da cruz, para ela e para o seu discípulo disse-lhes que a partir daquele

momento seriam eles mãe e filho (Jo. 19, 26-27). É a Mãe de todos os cristãos que junto com o Salvador redimiu os pecados da Humanidade, como vemos na Cantiga 270 de Afonso X:

Quanto nossa primeira | madre nos fez perder
per desobedeença, | todos nos fez aver
aquesta a que vëo | o angeo dizer
«Ave gracia plena» | por nossa salvaçon.
Todos com alegria | cantand ' e en bom son...
(METTMANN, 1959).

Maria é o exemplo de donzela, mãe e esposa cristã mais louvado pelos Evangelhos, visto como o modelo de obediência feminina mais ilibada que deveriam ter as mulheres seguidoras do Cristo. Em momento algum pestanejou ao receber de Deus a missão que lhe fora incumbida. Colocou-se no lugar de serva como deveriam portar-se as mulheres e sua conduta alcançou graça necessária à recuperação do amor divino perdido para com a humanidade. Mas enfatizamos aqui a restituição do amor divino para com as mulheres através de Maria.

A veneração a Maria durante o período medieval, em Portugal, é intensa como se pode comprovar pelos numerosos documentos e fontes diversas onde estão apontados muitos templos e lugares consagrados a Nossa Senhora até o fim do século XV. A devoção mariana chegou ao território português, trazida por religiosos e peregrinos em terras estrangeiras e por narrativas com a vida e milagres da Virgem. Contudo, os milagres marianos não eram desconhecidos no território português como podemos constatar pelas diversas obras a respeito de tais feitos que circularam em território lusitano, entre elas as Cantigas de Santa Maria (METTMANN, 1959).

Nas *Cantigas de Santa Maria*, a devoção à Virgem ganhava grandes expressões de poético amor em romarias, orações e promessas. O comprobatório de que a Virgem era exímia auxiliadora dos seus fiéis devotos e muito adorada por estes, pode encontrar-se, de facto, nestes poemas de Santa Maria devidos a D. Afonso X. As *Cantigas* exaltam a Virgem e relatam acontecimentos do quotidiano medieval, pessoas que recorrem a Ela em todos os momentos de suas vidas para resolver-lhes pequenas ou grandes dificuldades do dia-a-dia.

Os milagres alcançados por intermédio de Maria multiplicam-se com a mesma rapidez dos pedidos. Maria age sempre que solicitada por meio de intercessão directa junto do seu Filho e sempre alcança a graça deste, nos seus constantes apelos em favor daqueles que ela adoptou também por filhos. A diversidade do auxílio que a Virgem presta aos seus devotos, por seu turno, varia imensamente.

Por exemplo, entre as 427 Cantigas de Santa Maria analisadas, 91 expressam uma narrativa directamente associada às mulheres. O universo restante representa textos de louvor e exaltação à Virgem ou pedidos de ajuda e agradecimentos pelas graças alcançadas.

Nas cantigas referentes às mulheres, efectivamente, verificamos que muitas delas dão-nos informações sobre o patamar social a que pertencem as devotas miraculadas. Sendo estas de uma variedade bastante significativa, pois, como podemos constatar, são

monjas, abadessas, judias, fidalgas, imperatrizes, rainhas e mulheres comuns que recorrem a Maria na ânsia de ver resolvidas as suas dificuldades diárias (METTMANN, 1959).

As representações da figura feminina nas *Cantigas de Santa Maria* são diversificadas e algumas muito ricas em detalhes da vida e dos sofrimentos pelos quais passavam as mulheres no quotidiano medieval. Ao estarem à mercê do poder masculino, eram submetidas às mais diversas provações que testassem o seu carácter, sempre colocado sob suspeita pela sociedade.

A primeira das cantigas que se refere a mulheres é a quinta. Ela retrata alguns acontecimentos da vida de uma imperatriz de Roma, chamada Beatriz, e como Santa Maria a ajudou a passar por todos eles com grande rectidão de espírito. A dona era uma mulher muito formosa, servidora de Deus e cumpridora das suas leis e por isso achou graça aos olhos de Santa Maria. Por ter assim tanto temor a Deus e amor a seu marido, não cedeu aos apelos luxuriosos que o cunhado lhe fez aproveitando-se da ausência do irmão. A imperatriz ordenou que colocassem o cunhado em uma prisão por tão grande traição. E foi por essa razão castigada pelo marido que, acreditando nas palavras do irmão, mandou-a matar sem apurar os factos verdadeiros. Além disso, os homens que a levaram ao monte para matar tentaram molestá-la contra a sua vontade e clamando ela por Santa Maria, logo lhe apareceu um conde que dos malfeitores a livrou (METTMANN, 1959).

Assim, a narrativa continua em meio a imensas dificuldades pelas quais passa a imperatriz por causa da sua beleza e, não atendendo ela aos apelos masculinos, sempre sofre o castigo a que estava sujeita a mulher adúltera: a morte. As palavras de um homem eram sempre dignas de mais crédito do que as palavras femininas. Em casos como esses só a justiça divina lhes podia valer. As mulheres que seguiam o exemplo de virtude mariana, contudo, estavam sob a guarda e protecção da Mãe celestial que nunca falhava.

A sétima cantiga narra a história de uma abadessa que ficou grávida de um homem por artimanha do demónio. As monjas ao saberem do facto ocorrido foram acusá-la ao bispo do lugar. O bispo, sem hesitação, procurou a abadessa para que esta lhe relatasse o ocorrido. A religiosa imediatamente foi ao altar clamar o Livramento de Nossa Senhora, que a fez adormecer e tirou-lhe o filho para que o bispo nada descobrisse e mandou criar a criança em outro lugar.

As dificuldades de permanecerem constantemente fiéis à religião e a Deus levam as monjas e abadessas muitas vezes a fraquejarem no seu percurso de santificação. Santa Maria sempre está atenta às tentações a que estão sujeitas as esposas de Cristo e providencia o escape divino a estas para que não se deixem levar pelas astutas ciladas preparadas pelo demónio. Podemos constatar, efectivamente, através da análise feita às Cantigas, que as monjas e abadessas aparecem com grande frequência a pedir ajuda à Mãe de Cristo.

A cantiga 55, por exemplo, retrata-nos uma monja em Espanha que foi viver fora do seu mosteiro com um abade, mas que nem por isso deixou de lado sua devoção à Mãe de Deus, cumprindo com seus deveres de orações, recitando as horas de prima, terça, sexta, noa e vésperas. Depois de estar vivendo com o clérigo, a monja ficou grávida e este abandonou-a. Ela tornou-se “vergonhosa e coitada” e voltou ao mosteiro de onde

tinha saído. A abadessa aceitou-a de volta e assim, sempre louvando e adorando Santa Maria, pedia-lhe com muita fé que sua alma guardasse e que não a levasse o diabo. A própria Santa fez-lhe o parto, pedindo a um anjo que lhe tirasse o filho e o mandasse criar. A Virgem-Mãe retirou-se e imediatamente a monja foi sã, mas não viu mais o filho, somente depois de adulto, posto que, mesmo com o passar dos anos, a mãe imediatamente o tenha reconhecido. Ao cantar no coro um louvor a Virgem, logo despediu-se da genitora e pediu-lhe que esta não lhe impedisse de voltar ao lugar onde havia sido criado.

A bondade e compreensão para com os pecadores não têm limites. Santa Maria é dotada de um imenso amor para com os seus filhos terrenos, desde que recorram a ela e sejam devotos. Ela não tarda em atender os pedidos sinceros de cada um. A Santa Mãe de Cristo é a intercessora incansável que jamais recusa os pedidos daqueles que nela confiam não discriminando os destinatários das graças pedidas. Pois podemos constatar pelas Cantigas que analisamos que a participação de mulheres judias e mouras é também frequente nas cantigas como verificamos pelas peças números 89, 107, 167 e 205.

As referidas cantigas (números 89, 107, 167 e 205) dizem respeito a duas mouras e duas judias que depois de pedirem socorro a Maria e terem seus apelos sido atendidos por ela, convertem-se à religião cristã como prova de sua fé e devoção a Mãe de Deus. A cantiga 89 relata a dor de uma judia, que, à beira da morte, durante o seu parto, ao clamar por socorro a Maria Mãe de Cristo teve o seu filho e a sua saúde restituída. Foi injuriada pelas outras judias que ali presentes estavam, mas tornou-se cristã e logo foi batizada e trouxe também a seus filhos, para que, pelo batismo, os pecados Deus lhes tirasse. A cantiga 107 relata a história de uma judia levada cativa que ao clamar pela Mãe de Deus foi logo socorrida. Ao chegar em uma Igreja dedicada a Maria logo pediu para ser batizada, e desde então, foi sempre “bem crente da que por nós rogará” (METTMANN, 1959).

Nas duas cantigas que expressam o apelo das duas judias a Santa Maria vê-se que a gratidão pela graça alcançada as levou à conversão ao Cristianismo através do batismo. A ajuda que Maria oferece mesmo àqueles que não são cristãos mostra-nos o seu carácter benevolente que age sem fazer distinção entre cristãos e não-cristãos, muito embora as conversões das agraciadas tentem mostrar-nos a supremacia da religião cristã e as grandes compensações celestiais que Cristo oferece àqueles que o servem.

Já a cantiga 167 mostra-nos como Santa Maria ressuscitou o filho de uma moura que havia falecido de grave doença. A moura viu como as cristãs se apegavam a Santa Maria de Sala e ouviu dos milagres que ela fazia. Encomendou-lhe o menino e a sua oferenda, uma imagem de cera para levar e velar na Igreja de Santa Maria. Isso causou muita contenda entre as mouras, mas ela não desistiu de sua promessa. Foi à Igreja levando o menino que estava morto a três dias, e, aí, velou uma noite inteira. Santa Maria piedosamente ressuscitou-lhe o filho e esta logo tornou-se cristã.

Uma outra cantiga que refere-se também a uma moura é a 205. Faz uma narrativa de como Santa Maria livrou uma moura e seu filho da morte em meio a tomada de um castelo mouro que em chamas ardia. A moura sentada com seu filho entre as ameias do castelo assemelhava-se à imagem da Virgem que tem seu filho abraçado e os cristãos

que tomavam o castelo ao verem-na tiveram piedade dela, levantaram as mãos aos céus para Deus e pediram que os guardasse da morte. A parte da torre onde eles estavam veio abaixo, mas nem a mãe e nem o filho se machucaram. Todos se maravilharam e a Santa Maria muitos louvores davam. A moura tornou-se cristã e seu filho foi logo batizado (METTMANN, 1959).

Os louvores que também têm um grande espaço nas cantigas exaltam as qualidades divinas da Mãe de Deus que é incansável em perdoar os pecadores e interceder por eles, mesmo que não mereçam tamanha graça:

(Cantiga Nº 100)

Santa Maria,

Strela do dia, mostra-via

pera Deus e nos guia.

Ca veer faze-los errados

que perder foram per pecados

entender de que mui culpados

son; mais per ti son perdoados

da ousadia

que lhes fazia

fazer folia

mas que non deveria.

Santa Maria... (METTMANN, 1959)

Maria é o grande modelo da mulher ideal cristã incorruptível, instrumento divino que trouxe o Salvador ao mundo. A sua castidade e simplicidade mantêm-se mesmo após o casamento e dão-lhe grande crédito diante de Deus. Suas virtudes enquanto na terra esteve fazem-na chegar aos céus coroada e por isso foi chamada Rainha e assim pode a todos ajudar.

Santa Clara de Assis

Clara era natural de Assis, assim como Francisco, descendente de uma família ilustre e rica. Sua mãe, muito piedosa, não descuidava dos afazeres domésticos e nem da vida espiritual. Segundo narra a *Legenda de Santa Clara*, ao aproximar-se a hora do seu nascimento, sua mãe, implorando a Deus um parto feliz, teve uma revelação divina que sua semente seria de brilho mais claro que o próprio dia, esta fiel a profecia batizou a recém-nascida com o nome de Clara (FONTES FRANCISCANAS, 1996).

Desde a sua tenra idade optou por auxiliar os pobres privando-se da sua própria alimentação para socorrer aqueles que mais precisavam. A grande ocupação do seu dia era a oração e como não dispunha de uma corda de nós para contar os Pai-Nossos, usava um conjunto de pedrinhas para orientar suas orações. Não sentia nenhum prazer nos adornos mundanos e por isso usava por baixo de seus vestidos um pequeno cilício. Recusou o casamento.



Fonte: Autor desconhecido - pintado cerca de 1486.

Figura 2. Tríptico de Santa Clara.

Ao ouvir falar de Francisco, desejou conhecê-lo. Passaram a encontrar-se para então falar das coisas celestes. Ela o visitava com frequência acompanhada de uma amiga. São Francisco exortava-a a abandonar o mundo e a guardar a virgindade para Deus, esposo imaculado. Rapidamente guiada por Francisco passou a abominar tudo o que era mundano. Renunciou definitivamente ao casamento para entregar-se a Deus. Passou a ter São Francisco por mestre terreno, acolhendo os seus conselhos e tudo que lhe ensinava sobre Jesus.

Poucos dias antes do Domingo de Ramos de 1212, procurou São Francisco para saber como deveria proceder durante essas comemorações. Francisco ordenou que ela participasse juntamente com o povo na cerimônia de ramos e que, na noite seguinte, deixasse a cidade em sinal de luto pela Paixão do Senhor. No Domingo, Clara participou na cerimônia, mas ficou retraída na altura da distribuição dos ramos, tendo recebido o ramo das mãos do próprio bispo da cidade (FONTES FRANCISCANAS, 1996).

Na noite seguinte, obedecendo aos conselhos de Francisco saiu de casa, dirigindo-se a Santa Maria da Porciúncula. Os irmãos, que à volta do altar estavam, despiram Clara dos adornos mundanos e cortaram-lhe os cabelos. Ali teve início a nova família dos pobres que inauguraram as suas respectivas Ordens sob a protecção da Mãe de Deus. Depois de desposar Cristo, Clara foi levada à Igreja de São Paulo onde deveria ficar até que Deus lhe indicasse um novo sentido.

A saída de Clara da sua casa “não fora nem simples e nem fácil” (GASPAR, 2004). A angústia invadiu-lhe a alma durante todo o dia que antecedeu sua partida. Entretanto, sua decisão estava tomada e apesar de todo amor e obediência que cultivava pela sua família, Clara decidiu-se pelo amor e obediência a Deus.

Ao cair da noite para levar avante seu plano de fuga, Clara pediu ajuda a uma amiga, Cristiana, pois não podia sair dali pela porta principal, uma vez que os guardas em hipótese nenhuma a deixariam partir. Clara fugiu por uma porta secundária “contra a qual tinham sido postos pesados madeiros e uma coluna de pedra que só a custo poderia ser removida por muitos homens. Mas ela só, com a ajuda de Jesus Cristo, removeu todos os obstáculos e abriu aquela porta” (GASPAR, 2004).

Pode-se levantar diversas hipóteses de por onde saiu Clara àquela noite de casa, entretanto como terá ela saído da cidade? “As portas eram fechadas, a horas determinadas, pelas autoridades e rigorosamente guardadas por guardas bem armados” (GASPAR, 2004). Imagina-se que tenha fugido por algum tipo de passagem subterrânea sem ter que precisar passar pelas muralhas da cidade. Assim, deixou para trás a cidade e os todos os confortos da sua casa e família.

Ao tomar uma decisão tão séria, Clara, pois em risco honras, riquezas e segurança. Entretanto, a passos firmes, Clara, caminhava agora para uma nova vida. A decisão que Clara tomava era definitivamente uma loucura perante a sociedade da época. Clara não desanimava e bem decidida estava no seu caminho, é o que retrata um trecho da Segunda Carta de Santa Clara a Inês de Praga:

Não desanimes no caminho, corre veloz, com passo leve sem tropeçar; que nem a teus pés o pó se apegue; avança segura, alegre e jovial, no caminho da felicidade, não acredites nem confies em quem tentar desviar deste propósito; ultrapassa todo o obstáculo do caminho [...] Como virgem pobre, abraça a Cristo pobre. (GASPAR, 2004)

Quando souberam dos propósitos de Clara, os parentes se juntaram a fim de tentarem fazê-la desistir. Usaram de força e violência, tentando mostrar-lhe que a posição em que se colocava era humilhante e nada condigna do patamar social que ocupava, mas nem assim conseguiram demovê-la da ideia de continuar a seguir os passos firmes de Cristo em comunhão espiritual com Francisco de Assis. As constantes perseguições dos familiares só fizeram com que sua fé e determinação aumentassem (FONTES FRANCISCANAS, 1996).

Santa Clara foi transferida para a Igreja de Santo Ângelo de Panzo e três ou quatro semanas depois passou para São Damião. Segundo as orientações de Francisco foi ali fundado um mosteiro assim se lançando os alicerces da Ordem das senhoras pobres. Manteve-se fiel a Deus durante todo o seu percurso terreno na clausura, nas orações, nos jejuns, no exemplo de uma vida reta perante a Igreja e seguindo os passos de Jesus Cristo.

Por imposição de São Francisco e devido às determinações do IV Concílio de Latrão, passou a desempenhar o papel de abadessa dentro mosteiro. Entretanto, não menosprezava as ocupações servis desempenhando-as com satisfação e humildade. Ela

própria cuidava do asseio das irmãs doentes sem mostrar repugnância. Lavava e beijava os pés das irmãs em sinal de humilhação. Sempre esteve em posição de serva, mesmo sendo a superiora do convento, pois assim sentia-se mais próxima do Cristo.

Seguindo os passos de Francisco, logo no início da sua conversão, Clara renunciou a todos os seus bens materiais em favor dos pobres. Exigia também que as suas filhas nada possuíssem. “Nas palestras às irmãs, procurava convencê-las de que a fraternidade só seria agradável a Deus se fosse rica de pobreza e que só teria garantia de perpetuidade se protegida pela única muralha capaz, a torre da altíssima pobreza” (FONTES FRANCISCANAS, 1996, p. 251).

Como para os “Irmãos” franciscanos, às Clarissas também foi concedido o privilégio da pobreza por Inocêncio III. Ainda tentou o papa Gregório IX fazê-la desistir do seu ideal de pobreza absoluta, mas ela não cedeu minimamente a tais pretensões. E mesmo diante do apelo do papa que lhe dispensou o voto de pobreza, Clara não cedeu à vontade firme de viver só de esmolas e seguir o exemplo de Cristo. Aceitava sempre de bom grado as esmolas que lhe ofereciam e quanto mais humildes eram elas mais bem-vindas se tornavam. Negando os bens terrenos aproximava-se do Cristo crucificado.

A vida de Clara resplandeceu em santidade tanto pelo seu testemunho de vida como pelos milagres que através dela se materializaram para confirmar a aprovação divina da sua caminhada. É o caso do milagre da multiplicação do pão: “a santa chamou a irmã despenseira e mandou-lhe que partisse o pão. Uma metade era para os irmãos e outra metade ficaria para as irmãs. Desta metade mandou a santa corar cinquenta pedaços, tantos quantas as irmãs e mandou que os distribuísse pela mesa da pobreza. Admirada, a irmã despenseira foi comentando que seriam necessários os antigos milagres de Cristo para conseguir cinquenta pedaços de quantia tão diminuta. Ao que a santa respondeu: “Filha, o que te digo confiadamente”. Começando a executar a ordem, principiou a mãe a dirigir ao seu Senhor Jesus Cristo fervorosas súplicas em favor das filhas. Eis que quando, por divina generosidade, começou a crescer o pão nas mãos da irmã que o cortava. Assim cada uma das irmãs recebeu uma porção abundante” (FONTES FRANCISCANAS, 1996). Esse não foi o único milagre que Clara alcançou por intermédio de sua fé.

A vida gloriosa de Clara só foi alcançada mediante muito esforço espiritual e esforço físico através das mortificações que praticava em sua própria carne até os limites do seu corpo a fim de aproximar-se cada vez mais do sofrimento de Cristo.

Usava uma simples túnica e um manto áspero, não usava calçados, dormia em um colchão duro e mantinha-se em jejuns prolongados. Ainda usava secretamente debaixo da túnica um vestido de pele de porco com as cerdas viradas para dentro a mortificar-lhe o corpo. Usava um cilício de crinas de cavalo. Frequentemente dormia em terra e usava um pedaço de madeira por almofada. Durante três dias em cada semana das ditas quaresmas, a saber, às segundas, quartas e sextas, não tomava qualquer espécie de alimento. Sucediavam-se assim os dias de refeição escassa aos dias de jejum total, de modo que uma vigília de jejum completo terminava numa festa de pão e água (FONTES FRANCISCANAS, 1996, p. 253-254).

Aliada a esses intensos jejuns, Clara não descuidava-se das orações. Dispensando uma grande parte do seu tempo a entrar no átrio sagrado através dos louvores e adoração a Cristo, era constantemente tentada e perseguida pelo demónio, mas estava sempre preparada para se defender do maligno, pois era vigilante, não se deixava vencer pelo cansaço físico e deleitava-se nas orações como um manjar celestial.

Depois de Completas, prolongava o tempo de oração com outras irmãs e não raras vezes terminava em eflúvios de lágrimas, provocando-as também nas outras. E, enquanto as outras irmãs repousavam, em duras camas, os corpos cansados ela permanecia firme e desperta na oração. Enquanto as outras caíam em sono profundo, ela continuava em oração, desperta e infatigável para captar então, furtivamente, os murmúrios divinos (FONTES FRANCISCANAS, 1996, p. 256).

As orações de Clara operavam prodígios e maravilhas pela sintonia que ela tinha com o Criador. Um desses prodígios das suas orações é lembrado através de uma narrativa onde afugentou os sarracenos que tentavam invadir o convento de São Damião, “completamente atemorizadas, a voz embargada pelo medo, as pobres senhoras, acolheram-se chorosas à protecção da mãe. Ela que jazia enferma, permaneceu serena. Pediu que a conduzissem à porta e que a pusesse em frente do inimigo, precedia do cibório de prata contendo o Corpo do Santo dos Santos” (FONTES FRANCISCANAS, 1996, p. 257-558). E ali mesmo onde estava Clara prostrada clamou por socorro a Deus e teve suas orações atendidas, uma vez que os sarracenos fugiram todos com medo.

A oração de Clara não era menos suplicante quando se tratava da irmã Inês de quem sentia imenso a separação. Incessantemente pedia a Deus pela conversão da sua irmã que, “dezasseis dias depois da conversão de Clara, Inês, inspirada pelo divino Espírito, dirigiu-se pressurosa para junto de sua irmã e comunicou-lhe o segredo de sua decisão: consagrar-se inteiramente a Deus” (FONTES FRANCISCANAS, 1996, p. 260). Inês converteu-se assim como Clara e foi duramente pressionada pelos parentes a deixar a religião, mas também não conseguiram demovê-la da sua decisão.

Uma vida dedicada à oração, às penitências e entregue a Deus foi o modelo que Clara deixou às suas seguidoras. A sua morte foi antecedida de grande sofrimento devido “à austeridade das penitências dos primeiros anos e foi vencido nos últimos tempos por grave doença. Se pelo trabalho se enriqueceu de méritos enquanto gozou de saúde, na hora da doença abundou de méritos, mercê dos sofrimentos” (FONTES FRANCISCANAS, 1996, p. 270). Na doença Clara tornou-se ainda mais meiga e terna para com os seus e jamais se lamentava da condição de debilidade física em que se encontrava.

O momento da morte de Clara foi também o mais sublime de toda sua vida. Recebeu a absolvição dos seus pecados das mãos do Papa Inocêncio IV, que “dirigiu-se ao leito da enferma e, aproximando-se, estendeu-lhe a mão para ela beijar. Clara tomou-lha cheia de gratidão e, com toda reverência, pediu-lhe licença para beijar os pés do Sumo Pontífice” (FONTES FRANCISCANAS, 1996, p. 272). Suas filhas estavam cheias de dor ao ver

que aproximava-se a hora da sua partida, mas ela mantinha-se serena e incansável em consolar àquelas que tinham sido suas companheiras durante sua vida.

Os momentos finais foram talvez mais dolorosos para os que assistiram do que para a própria Clara, a saber pelas suas palavras a um frade presente que exortou à paciência, depois de dezassete dias sem poder receber qualquer alimento: “ Querido irmão, desde que me foi dado conhecer a graça do meu Senhor Jesus Cristo por meio do seu servo Francisco, nenhuma pena me foi molesta, nenhuma penitência me pareceu severa, nem nenhuma doença me foi difícil de suportar” (FONTES FRANCISCANAS, 1996, p. 274).

Clara sublimemente expirou a 11 de Agosto de 1253, rodeada de suas irmãs e irmãos espirituais. Seu corpo foi guardado por cavaleiros e soldados armados devido à comoção do povo que tomava conta da cidade. Todos prestaram homenagens aos restos mortais da virgem e as suas exéquias foram celebradas pelo próprio Papa. “Aproximando-se, pois, a data do seu passamento para o Senhor, perante a Cúria Papal e muito clero, dois anos depois da sua morte, na presença de grande multidão e depois de uma alocução festiva, o Papa Alexandre, a quem o Senhor tinha reservado esta graça, inscreveu solenemente Clara no catálogo dos santos e decretou que se celebrasse solenemente, em toda a Igreja, a sua festa. Ele mesmo a celebrou pela primeira vez, da maneira mais solene com toda Cúria” (FONTES FRANCISCANAS, 1996, p. 286).

Santa Catarina de Sena

Catarina Benicasa, esse era o nome da mulher que muito depois de sua morte veio a ser conhecida como Santa Catarina de Sena. Nascida a 25 de Março de 1347, dedicou sua virgindade a Cristo desde os sete anos de idade. Foi uma leiga da Ordem Terceira Dominicana e morreu a 29 de Abril de 1380. Sua influência durante o Grande Cisma do Ocidente – ruptura política ocorrida na Igreja Católica entre os anos de 1378-1417 – é notória.

Essa mulher que vai ficar conhecida por sua vida voltada para o amor à Igreja e a Cristo, por suas inúmeras cartas, vida exemplar de dedicação à caridade, aos necessitados, cuidando dos doentes quando a peste se alastrou pela sua terra, foi incansável em ajudar àqueles que realmente precisavam de cuidados quando já não tinham mais ninguém que olhasse por eles.

Catarina de Sena viveu em um período de grandes mudanças e transformações na Igreja. Consternava-se profundamente pelo momento de abalo pelo qual passava a “noiva de Cristo”, mas nunca perdia as esperanças com relação à retomada de santidade e de ordenação dentro do meio religioso. Foi uma defensora incansável da Cruzada pregada por Gregório XII, pois via nessa manifestação um fogo purificador e renovador do evangelho de Cristo, que Alice Curtayne, traduz assim:

Para ela, era como que a voz de Moisés, arrancando-os à longa noite de ignomínia. Correspondeu ardentemente ao apelo. Eis, enfim a chama purificadora pela qual a Igreja ansiava. Não lhe restava sombra de dúvida que os membros corrompidos do corpo místico de Cristo, fosse qual fosse o seu grau de perversão e venalidade, recuperariam a glória baptismal no poder purificador deste ideal (CURTAYNE, 1947, p. 89-90).

A referência de santidade feminina, no que diz respeito ao universo dominicano, é a de uma mulher forte e de traços nada convencionais para o período medieval. Catarina de Sena durante sua vida brilhante passa por muitas provações terrenas para destacar-se como uma mulher que mais tarde circulará e também influenciará os meios políticos e religiosos mais importantes da Europa.

Catarina de Sena teve uma personalidade forte aliada a um carisma natural que lhe deram prestígio, admiradores, inimigos, mas também muitos seguidores. Sua relação com o divino era extremamente singular – exemplo disso, são as frequentes visões e êxtases (abandono completo do corpo, caía insensível no chão assim que a Hóstia Sagrada lhe tocava a língua). Essa relação de proximidade ao divino será mantida até o fim de sua vida e o estigma que recebeu no corpo é a comprovação de tal afirmação (CURTAYNE, 1947).

Desde a infância, Catarina era extremamente alegre, mas nada nela fazia com que as atenções se voltassem para si de maneira especial em sua casa. Quando tinha uns seis anos, Catarina, ao voltar para casa juntamente com o irmão, teve uma visão e ficou imóvel. Diz-se que viu Cristo a abençoar como faziam os sacerdotes e isso mudou-lhe completamente a vida. A mãe, ao notar qualquer coisa de errada com a filha e o gosto que começara a tomar por estar sozinha, começou a ocupá-la o mais que pode com as tarefas domésticas, mas esses pequenos afazeres vão tornar-se no decorrer da vida de Catarina cada vez mais insuportáveis. Cortou o cabelo e tentou entrar para um mosteiro disfarçada de rapaz, mas logo teve que voltar à casa.

As opções de que Catarina dispunha como jovem mulher não eram muitas: ou casava-se ou ia para um convento. Entretanto ela recusava-se a concordar com qualquer das duas hipóteses desejava ficar em casa e servir Deus a sua maneira. Segura do que queria, cortou novamente o cabelo, só que dessa vez cortou-o rente e cobriu-o com um véu. A família, revoltada com o acontecido, passou a perseguir constantemente Catarina, no intento de que ela recuasse de tais ideias. Impuseram-na as tarefas domésticas a fim de castigá-la e passou a dividir o quarto com o irmão para que não ficasse sozinha cultivando o desejo de permanecer daquele jeito por muito mais tempo. Mas ela continuou firme em seu propósito. O pai ao vê-la rezando um dia determinou que parassem de persegui-la (CURTAYNE, 1947, p. 89-90).

Catarina conseguiu, depois de muita insistência, convencer a mãe a deixá-la entrar na Ordem Terceira de S. Domingos. Depois de sentir-se liberta por sob o hábito da Ordem, Catarina passou a dispor da sua vida de maneira a alcançar a perfeição perante Cristo: entrou em profundo silêncio dentro de casa e só falava quando absolutamente necessário, durante as confissões. Passou a jejuar severamente e decidiu reduzir o sono ao mínimo indispensável. A pouco e pouco, Catarina começa a tornar-se assunto a ser debatido no meio religioso de Siena e passa a dividir opiniões entre os próprios frades de S. Domingos.

Os comentários acerca de Catarina eram cada vez mais frequentes, tornando-se mais intensos a partir do momento que “os seus êxtases se tornaram públicos, aumentando de frequência e duração”. As pessoas que viam esses acontecimentos presenciavam um corpo imóvel, abandonado do espírito e que tornava-se completamente impossível de

ser retirado do local onde caía. E que, segundo a própria Catarina, ligava-se a Deus e à sua contemplação pelo amor, onde a memória abandonava o corpo e tornava-se apenas templo do Divino e à absorção da Sua Verdade (CURTAYNE, 1947).

Transformavam-se num fenómeno os êxtases de Catarina após o recebimento da Hóstia Sagrada. Proibiram-lhe receber com frequência a Comunhão, mas não poderiam privá-la de todo e sempre que lha ministravam, ela caía estática e assim permanecia durante horas. Alguns conseguiam enxergar o fenómeno como algo divino, mas outros zombavam e eram cruéis com ela. Mas isso não fazia sua fé esmorecer. A hóstia sagrada para Catarina era “Deus e homem, manjar dos anjos e alimento da vida” (CURTAYNE, 1947).

Passou a ter visões, mas recusava-se a falar sobre elas e só o fazia em nome da obediência religiosa. Para ela as palavras humanas não poderiam jamais descrever tamanha graça. Não só presenciou o sabor das delícias divinas como também o inefável desgosto dos lugares onde os demónios povoam. As vozes dos familiares a atormentavam. O mundo a repudiava. Ela não tinha a paz almejada nem no seu próprio quarto onde os demónios a perseguiram com veemência.

Em um espaço de três anos só quebrou o silêncio uma vez para pedir que lhe ensinassem latim, mas não lhe atenderam o pedido. Mesmo assim persistiu e um dia miraculosamente pegou um pergaminho e viu que podia lê-lo facilmente e assim já sentia-se menos excluída durante a missa e podia ler a Bíblia. Depois de passado três anos em silêncio, Catarina percebeu que a sua missão era ajudar e só o poderia fazê-lo se voltasse ao convívio com as pessoas e assim o fez.

A partir da volta ao convívio social, Catarina empenhou-se em estar nos hospitais a cuidar dos doentes e até em uma gafaria onde ficavam os leprosos da cidade. Preocupava-se imensamente pelo momento delicado pelo qual passava a Igreja, o prestígio papal declinava vertiginosamente na península itálica, enquanto a sede papal permanecia em Avinhão. Em 1367, o Papa Urbano V voltou a Roma e encontrou uma cidade em ruínas, ali se instalando novamente a sede papal.

Na igreja de Santa Cristina, em primeiro de Abril de 1375, Catarina recebeu no corpo, como sucedera já com Francisco de Assis, os estigmas da Paixão de Cristo. Esteve doente por alguns dias, pois sentia intensas dores, não comia nada só podia beber água. Com o passar dos dias as forças lhe voltaram e relatou o acontecido da seguinte maneira: “Quando meditava na sagrada Paixão, sentira-se cegar pelos fios de sangue vermelho que corriam das cinco chagas do Crucificado. O coração, os pés e as mãos foram-lhe trespassados por uma dor aguda e, compreendendo o mistério, gritara ao cair: «Senhor, que estes sinais fiquem ocultos» (CURTAYNE, 1947)..

Extremamente sensível aos problemas da alma humana, muitos procuravam Catarina a fim de amenizar as dores e angústias que os perturbavam, uma vez que “ela interessava-se profundamente, quase se absorvia em todo ser humano em que pousasse os olhos. Compreendia qualquer emoção que vibrasse num coração humano”. Catarina passou a ter alguns seguidores, como Neri que começou a escrever para ela as respostas das cartas que ela recebia, entretanto ditada por ela mesma. O seu círculo de seguidores aos poucos crescia.



Fonte: Giovanni di Paolo – 1403-1482.

Figura 3 - Santa Catarina ditando seus diálogos.

Catarina empreendeu um grande esforço em busca da paz entre a Cristandade, escrevendo cartas de apelo ao papa e indo até o seu encontro em Avinhão. A guerra que dividia as cidades italianas por causa da fome e contra a Igreja era cada dia mais sangrenta e parecia não ter fim. E mesmo depois do novo retorno do Papa a Roma um acontecimento novo na guerra deixou muitas cidades revoltadas contra a Igreja, é uma chacina em Cessena promovida pelo cardeal da cidade, onde mais ou menos quatro mil pessoas foram mortas sem nenhuma hipótese de defesa. Novamente Catarina escreveu ao papa a pedir paz: “Tende piedade de tantas e corpos que perecem. Ó Pastor, guardião do Sangue do Cordeiro, que nem o trabalho, nem a vergonha, nem os insultos que julgueis poder receber, vos afastem do justo caminho, nem o medo servil, nem os perversos conselhos do demônio, vos impeçam de pôr termo à guerra e à miséria. Ó Santo Padre nosso, peço-vos por amor de Deus e de Cristo Crucificado Lhe sigais os passos. Paz, paz, por amor de Deus” (CURTAYNE, 1947).

Gregório XI morreu e procedeu-se à escolha de um novo Papa. Foi eleito para governar a Igreja, Bartolomeu Prignano, arcebispo de Bari, que tomou o nome de Urbano VI. A paz tão esperada por Catarina estava longe de chegar, pois a partir da eleição do novo Papa abateu-se sobre a Igreja a mais terrível de todas as suas crises, o Cisma. Em 18 de Setembro de 1378, Urbano nomeou trinta e nove novos cardeais, dos quais seis recusaram a honra. Dois dias depois, em Fondi, os cardeais franceses reuniram em Conclave e elegeram um Papa rival, Roberto de Genebra, que tomou o nome de Clemente VII.

Este facto lançou por terra todas as esperanças que Catarina tinha em ver uma Cruzada a ser realizada pela Igreja. O caos que tomara conta da Cristandade de uma

forma nunca imaginada abalou os alicerces da Igreja. E Catarina passou a sentir essa ferida que se abria no seio da Igreja e na sua própria carne. “Nas suas febris orações para evitar este horror, parecia-lhe lutar contra os poderes do mal”.

Catarina sente um enorme desejo de purificação da Igreja e não se cansava de exortar os sacerdotes a respeito de como deveriam agir para com os fiéis: “Quero que meus ministros sejam generosos e não avaros; que por ambição e cobiça vendam a graça do Espírito Santo. Não devem trabalhar assim, não é assim que quero que trabalhem. Quero que distribuam a bondade gratuitamente, pelo amor de minha honra e saúde das almas, distribuam caridosamente a quem com humildade os peça” (CURTAYNE, 1947).

Ao ver o horror no qual estava afundada a Igreja, Catarina sentia-se culpada pelo início do cisma, apesar de saber que procedera correctamente, pois ela insistira no regresso do Papa a Roma e conseguira que ele retornasse. Analisando toda a situação em que agora encontrava-se a Igreja “de súbito pareceu-lhe que a barca da Igreja era literalmente arrancada do mosaico e colocada sobre os seus ombros por mãos invisíveis. O corpo encolhia-se, ao peso, cruel e intolerável, do barco enorme. Esmagada, mas uma vez os amigos a viram tombar por terra, sem sentidos. Ergueram-na e levaram-na para casa. Mais tarde, viram que estava paralisada, da cintura para baixo (CURTAYNE, 1947, p. 261).

A partir desse fatídico dia não andou mais e sua saúde começou a declinar rapidamente. No dia 29 de Abril de 1380, em Roma, Catarina teve, momentos antes da morte, uma aparente melhora, onde abençoou a todos os seus amigos e morreu.

A concepção cristã de Eva

A renúncia à concupiscência da carne é exposta nos textos da literatura religiosa medieval com o intuito de ensinar a importância da vitória sobre os desejos carnis. As mulheres estão sempre presentes nesses exemplos, pois é a figura feminina que leva às tentações e ao pecado mais abominável – a luxúria – que afasta o homem de Deus.

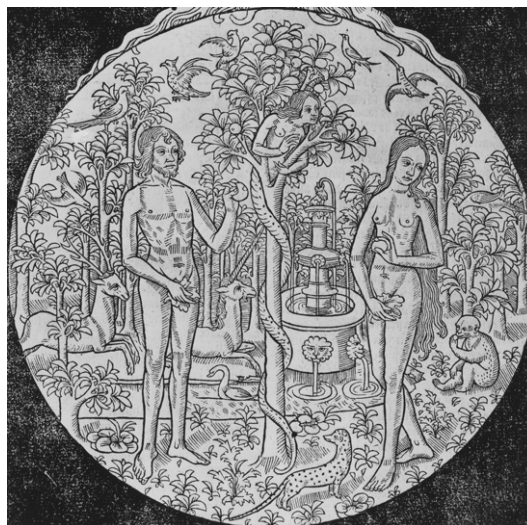


Figura 4. Eva, O Pecado original.

O bispo Estêvão de Fougères era da opinião que “a mulher era portadora do mal”. Por isso, preocupou-se em descrever, no *Livre des manières*, os gravíssimos defeitos das mulheres, atacando principalmente as damas que servem de exemplos às outras e que vivem no ócio. “No trono ao lado dos seus maridos, no salão, não fiam, diz ele, não tecem – como fazem as beguinhas, como fazia Santa Godeliva para escapar às tentações –, não mexem em nada, ociosas, passam logo a estar muito mais expostas a pecar do que outras” (NUNES, 1918). Este bispo nomeará inúmeros defeitos que provêm da mente “diabólica” feminina, inclusivamente as misturas usadas para terem outro aspecto e dessa forma conseguirem ludibriar os homens. Este bispo traduz, ainda, em seus versos aquilo que era indiscutivelmente o pensamento dos dirigentes eclesiásticos a respeito das mulheres (DUBY, 1996).

Já o *Livre des dix chapitres*, escrito por Marbodo, também tem uma linguagem bastante acusadora com uma série de termos que delineiam um contorno assustador da mulher: “Tinha já sido mostrada como inimiga do «género masculino», estendendo as redes de todas as suas partes, suscitando escândalos, rixas, sedições. Traidora – era Eva: «Quem deu a provar o que estava proibido?» –, conflituosa, avara, leviana, ciumenta, enfim, a culminar esta acumulação de maldades, ventre voraz. Marbodo retomava aqui a imagem da antiga quimera: uma cabeça, de leão, medusante, carnicreira; uma cauda, de dragão, viscosa semeando a morte, a danação. Mas, entre as duas, não colocava um corpo de cabra, colocava uma fornalha, mais nada. O fogo. Incandescência, combustão, voracidade. Que ninguém ouse enfrentar esse monstro, os seus golpes são imparáveis, há que fugir-lhe a sete pés”.

As imagens de Eva, sempre se sobrepondo à imagem feminina, vão aparecendo nos diversos tipos de literaturas religiosas do período medieval que não deixam de frisar constantemente o carácter vil da figura feminina. Burchardo de Worms, também bispo, é autor de uma «colectânea canónica», intitulada *Decretum*, que consiste em um manual prático de administração canónica, o qual, dentre outras matérias, apresenta uma dirigida especificamente às mulheres na hora da confissão. Consta, juntamente, de um interrogatório que deveriam fazer os prelados às mulheres (DUBY, 1996, p. 18).

A alma maléfica, parte da natureza feminina, faz com que elas pequem de formas variadas, tornando assim seus castigos diversos. O interrogatório destinado às mulheres, contido no *Decretum*, mostra-nos uma parte substancial daquilo que os religiosos pensavam passar-se no “sombrio universo” feminino. Burchardo acusa as mulheres dos mais diversos crimes. A mulher é sempre culpada e severamente castigada. Ela fabrica objectos de prazer, coze misturas suspeitas, incita os homens ao pecado, é traiçoeira, vingativa e impulsiva. As mulheres são pecadoras em potencial como toda a raça humana, mas o que lhes diferencia e as torna tão temidas, não é capacidade de pecar, mas sim, as artimanhas das quais se servem para levarem os homens a pecar. Um dos crimes mais comuns às mulheres é o assassinato: o aborto, o infanticídio, a morte do marido e a morte das criadas. “Vê-se claramente, a mulher começa por inquietar os homens porque é portadora de morte” (DUBY, 1996, p. 29).

No século XII, os eclesiásticos buscavam a compreensão minuciosa de cada palavra expressa pelo texto bíblico do Génesis. Agostinho analisa de forma profunda o livro do Génesis expondo a sua interpretação da natureza humana, “a mulher é à semelhança do

homem; todavia, é a sua auxiliar, o que a pressupõe submissa, como o operário o é ao capataz; com efeito, todo o mundo criado é construído sobre uma armadura hierárquica; um dirige, aqui é o homem, o outro «obtempera», é a mulher” (DUBY, 1996, p. 53-54).

A criação da mulher exposta no livro do Génesis remete-nos a uma justificação muito simples para a criação do ser feminino: a de que a função da mulher é procriar, fazer com que a semente masculina se perpetue, Deus assim o designou. “Enfim, o relato da criação confortou os doutores que formavam os pregadores na sua certeza: é muito mais oneroso na mulher o peso da sensualidade, isto é, do pecado, dessa «parte animal» cujo controlo incumbe a razão, a qual predomina no macho. Conferindo essa prevalência ao masculino *imperium* sobre o feminino” (DUBY, 1996, p. 59).

A natural inferioridade feminina é a justificativa na qual se apoiava a Igreja na Idade Média para delimitar e limitar as funções da mulher dentro da Igreja e fora dela. Como é o caso da submissão da mulher ao marido e ainda, os argumentos utilizados contra a intervenção pública feminina. Assim, nega-se à mulher o direito de falar publicamente porque “a mulher é inferior ao varão e deve estar submetida a este e, por conseguinte, não pode ensinar-lhe; porque se as mulheres se mostrassem em público ensinando poderiam despertar a libido dos varões; e finalmente, porque no geral as mulheres não alcançam a perfeição da sabedoria para que se lhes possa encomendar o ensinamento público conveniente” (SARANYANA, 1997).

Santo Agostinho também aponta o vil pecado feminino, onde mostra a mulher levada pelo desejo de possuir o poder, desprezando assim a ordem divina de não provar do fruto proibido. A mulher teve consciência do seu pecado muito mais que o homem, pois este só pecou para lhe agradar. A mulher pecou por orgulho. “Quando pecamos, a serpente desempenha o papel da «sugestão», esse enunciado que, vindo do pensamento ou então da percepção sensorial, da visão, do tacto, de todos os sentidos, incita a pecar; a mulher é a cupidez, a pulsão em nós para agarrar o que nos tenta; o homem, enfim, a razão. Se esta resiste «virilmente», estamos salvos. «Se consente, se decide fazer aquilo a que a incita o desejo, somos expulsos do Paraíso»”(DUBY, 1996, p. 60).

Diz Beda, o Venerável, “a serpente enganou a mulher e não o homem «porque a nossa razão não pode ser dominada se houver prazer e *prazer carnal*». *Cupiditas* tornou-se *delectatio carnalis*, gozo, denunciado simultaneamente como feminino e culposo. O pecado processa-se aqui em três tempos: «A serpente aconselha o prazer, a sensualidade do corpo animal (o feminino que está em nós) obedece e a razão consente». E é a mulher que colhe a maçã, que a oferece ao homem «porque, após o prazer da concupiscência *carnal*, a razão é levada a pecar»” (DUBY, 1996, p. 61).

A mulher é imagem do pecado e manter os olhos afastados da perigosa beleza feminina é sinónimo de prudência e um grande passo no desvio da tentação do homem. A mulher está propensa ao prazer e torna o homem vulnerável ao pecado. O proibido, o profano tomam uma conotação basicamente sexual no que se refere a mulher. “É certo que Eva foi tentada pela vanglória, pela avareza que não é apenas o gosto de acumular dinheiro, mas de deitar a mão a todas as ocasiões de se elevar. Sucumbiu sobretudo ao apetite de gozar. Enquanto Adão sucumbiu às seduções.

Abelardo declara que “o homem é a imagem de Deus, a mulher não passa da semelhança. O homem mais próximo de Deus, é portanto mais perfeito; é dono da mulher como de todas as outras criaturas; a sua sensatez confere-lhe mais dignidade; é também mais terno pelo amor que leva até àquela que tem a missão de dirigir” (DUBY, 1996, p. 63). Logo, Adão pecou por um motivo nobre e teve mais amor ao seu criador do que Eva, pois não pensou em desafiar Deus, pretendeu tão-somente, agradar a companheira que Deus tinha lhe dado e que estava sobre seus cuidados.

Os eclesiásticos medievais pressupõem o domínio do homem sobre a mulher como o castigo dispensado a ela por causa da sua má obra. No entanto, antes do pecado o domínio existia só que de forma diferente: “«Não vamos pensar», diz Santo Agostinho, «que mulher antes do pecado não tenha sido feita para ser dominada pelo homem, para “se virar para ele”, para o servir. O “serviço” era de outra espécie, não de escrava mas sim aquele que, segundo São Paulo, prestavam os cristãos uns aos outros, “de amor”.» Antes do pecado, a submissão era de «dilecção»; depois, passou a ser de «condição», um estado. A mulher vergava-se a esse domínio que S. Paulo a proíbe de tentar exercer sobre o seu marido. Pelo seu veredicto, o Criador ofendido aviltou Eva e todas as suas filhas. «Não foi a natureza, e sim o pecado que valeu à mulher ter no seu marido um dono e se este não for servido a natureza corrompe-se mais e o pecado agrava-se»” (DUBY, 1996, p. 67).

“Deus criou o homem à sua imagem, a mulher de uma parte mínima do corpo do homem, como sua marca ou melhor seu reflexo. A mulher nunca é mais que um reflexo de uma imagem de Deus” (DUBY, 1996, p. 70). A mulher é inferior ao homem, pois o castigo de Deus assim o determinou. Cabe a mulher acatá-lo e através de uma conduta ilibada buscar incansavelmente a “purificação” do tão grave erro cometido por Eva no paraíso.

Os pecados mortais

A retidão era o estado original do homem, entretanto quando ele desviou-se dos planos divinos pecou, isto é, saiu do seu estado natural. Portanto, o pecado é um desvio do comportamento natural do homem, que separa o homem de Deus. O pecado é o afastamento da norma da moralidade e está ligado à culpa sendo estes quase sinónimos. O pecado é a culpa que cria um abismo entre Deus e o homem (FERRERES, 1953).

Os pecados mortais que levam o homem a afastar-se de Deus são veementemente condenados pela Igreja. Dentro das nossas fontes podemos encontrar passagens que fazem referências a esses pecados, a fim de ensinar os frades que o caminho da perfeição só poderia ser alcançado se eles mantivessem-se sempre atentos para não serem levados a cometer tais pecados. Algumas dessas referências não tratam especificamente das mulheres, mas mencionam particularmente esses pecados.



Fonte: S'Hertogenbosch (Países Baixos), 1450.

Figura 5. Os pecados capitais.

A intenção é mostrar através das fontes trabalhadas a presença de todos os pecados conhecidos como mortais justamente no universo monástico mendicante:

1- A soberba:

Outra vez, estando o endemoninhado repreendendo acerbamente a todos os frades, quando o Mestre Jordão chegou, levantou-se com mostras de grande reverência e começou a elogiar seu grande fervor na pregação e nas coisas da Ordem, sublinhando todas as suas perfeições a fim de levantar no seu coração uma onda de vaidade. Mas o santo, conhecendo as astúcias do maligno confundiu-o com sua humildade (FONTES DOMINICANAS, 1990, p. 115).

O orgulho neste trecho acima é combatido pela humildade. O frade não se deixa “cegar” pela vaidade, antes combate-a com a virtude dos homens santos: a humildade. Não esqueçamos que a soberba levou o homem a perder o Paraíso, pois ao tentar provar o “fruto proibido” tentara apoderar-se do conhecimento divino. Esse pecado é veementemente condenado pela Igreja.

2- A inveja:

Um frade, indo em viagem, começou a pensar no seu coração o que faria se fosse consagrado bispo. E andava a ruminar nestes pensamentos quando caiu num profundo lodaçal. Caindo em si, disse: «Levanta-te, senhor bispo, já o mereceste, pois mui conveniente é tal lugar para tal bispo.» E talvez, se chegasse a ser realidade o que pensava, teria caído no lameiro pior de muitos pecados (FONTES DOMINICANAS, 1990, p. 206).

Também pode traduzir-se pela cobiça, almejar um estado de superioridade em relação a outrem. Condenado pelas ordens mendicantes, principalmente por sua pregação ter na humildade de Cristo a fundamentação principal. Vemos, no exemplo acima, que esse tipo de inveja é comparado a um lamaçal que representa toda a imundície do pecado.

3- A ira:

Havia em Roma um frade endemoninhado que, acostumado a passar pelo claustro, saiu um dia ao passo do Mestre Jordão e, levantando-lhe a mão deu-lhe uma forte bofetada. O santo Pai, como estava dotado de um grande caudal de paciência e humildade, preparou imediatamente a outra face. E o endemoninhado, sem poder resistir à sua virtude, inclinando a cabeça, afastou-se logo envergonhado (FONTES DOMINICANAS, 1990, p. 106-107).

A ira neste exemplo acima é combatida com a paciência e relembra novamente os ensinamentos do Cristo. Deixar dominar-se pela ira é perder o controlo da razão, o que faz suscitar a blasfêmia e a vingança (AQUINO, 2004). Só ato de perdoar o outro é que pode anular o pecado da ira, devolvendo assim o controle do homem sobre as suas ações.

4- A preguiça:

Em Inglaterra, frei Ricardo já morto, exclamou de repente:

– Ai! Ai de vós que rezais com negligência o Ofício Divino! Porque as almas de Purgatório queixam-se de que lhes pagais tão tarde e friamente o que lhe deveis.

E acrescentou:

– Ai! A Virgem queixou-se a Seu Filho na minha presença de que vós, julgando isso de pouca importância, dizeis com indiferença e coração frio o que rezais dela. E eu ouvi uma melodia celestial como ninguém pode ouvir na terra (FONTES DOMINICANAS, 1990, p. 155-156).

Na narrativa acima, um frade exorta os outros a abandonarem a preguiça, afirmando que prejudicam até mesmo as almas com as suas orações feita de forma negligente não atentando para a verdadeira dedicação que se deve aplicar ao trabalho celestial, motivo de queixa até mesmo da Virgem-Mãe a Cristo.

5- A avareza:

Em outro lugar aconteceu outra coisa por contrario. Ca huum muy grande useiro estava enfermo muy gravemente, [...] E veo a elle huum fraire e assy o aficou com palavraa que o provocou aficadamente a restituyr as usuras e lhe prometeo que elle tornaria e pagaria todas as cousas que havia tomadas e levadas e, feita a comfesom e chamado huum notario segumdo a vomtade do fraire mandou restituir todallas cousas. E, partindo-sse d'aly o fraire, como a mulher de aquele enfermo ouvise aquellas coussas que o marido avia hordenado como o fraire que se fizesse, tomou todos os filhos e pose-os diamte delle e rogou com muitas lagrimas a seu marido que se amerçasse delles, por que nom perecesem de fame, [...] por amor dos filhos revocô-as. [...] E o fraire, veendo a sua vontade, que nom se quiria mudar ao proveito da sua alma, disse com fervor estas palavras: Pois que tu revocas aquelas coussas que por saude de tua alma avias hordenado, eu revoco asolviçom que te dey de teus pecados. E logo, vemdo todos que aly estavam presentes, chegou-se huum corvo ao enfermo e pos-lhe o bico em na boca e teve-o aly tam longamente, ataa que aquele mizquinho enviou aquella allma triste (NUNES, 1918, p. 160-161).

Acto condenado pela Igreja, mas principalmente pelas ordens mendicantes, é a avareza. Sendo um dos preceitos básicos das ordens mendicantes o desapego aos bens materiais, torna-se gravíssimo que um cristão prefira os seus bens terrenos à salvação da sua alma. No texto acima, um usurário é aconselhado a devolver tudo o que durante a sua vida alcançou através de prática tão ilícita, mas não resiste aos apelos da mulher que o pede que não a deixe desamparada, sendo assim tem sua alma levada pelo demónio.

6- A gula:

Houve um certo frade, que tentado pela gula, adquiriu às escondidas uma torta de queijo com a intenção de comer às escondidas. Deixando-a escondida em certo lugar e pensando, enquanto estava no coro, onde e como a comeria, um frade muito espiritual viu que o diabo estava a dançar diante dele com uma torta nas mãos, oferecendo-lha com insistência. Muito admirado de ver aquilo, ao terminar o ofício, chamou à parte o frade, perguntando-lhe como se encontrava e esse padecia de alguma tentação. Mas, respondendo-lhe que se encontrava muito bem, não querendo dizer ou não advertindo a miséria da sua

tentação, contou-lhe aquele frade o que tinha visto durante a reza das Horas. Cheio de temor, confessou com lágrimas e sua intenção, ficando livre, pela graça de Deus, do pecado e da tentação (FONTES DOMINICANAS, 1990, p. 201-202).

As ordens medicantes estavam sempre a tentar manter sob controlo a alimentação dos seus professos, para que através do sacrificio do corpo estes pudessem estar mais próximos de Deus. Esse era também o caso das comunidades mendicantes femininas que igualmente às masculinas alimentavam-se das esmolos. Portanto, a gula era acto condenado e reprimido pelas comunidades mendicantes. Acima temos o exemplo de um frade que ao deixar-se corromper pela gula, trouxe o diabo para junto de si e que só libertou-se do pecado após a confissão deste.

7- A luxúria:

Recomtava o gerall que hũa molher fremosa e nobre era en Alemanha, a quall como deleitosamente andasse em pos da cobiça da carne, pero convertida finalmente por huum fraire menor, o quall por muytas maneiras a provocava a castidade, escolheo de tomar emçarramento perpetuo, dizendo que ella nom poderia fोगiir a oportuniidade do pecado, se nom evitasse a spessura dos homeens. E, confessando-se, emçarou-sse, mais o diaboo, achamdo-a soo, acometeo-a com escarnhos e tentaçoões. E ella, ferida e agulhada arreivatadamente da rrene[m]brança das deleitaçoões e da violemçia e força da carne nom convenivele, fez chamar aquelle fraire e disse-lhe quenom podia resistir a tantas tentaçoões da carne e porende que avia delibrado de sse sair de aquelle emçarramento e tornar as primeiras deleitaçoões. E o fraire animô-a com muitos rogos e amoestamentos e, empoendo-lhe algũuas penitencias trabalhosas, mandou-lhe que, em quall quer hora que a dita tentaçom lhe viesse, que nomeasse com devaçom e comfiança o nome de Jesus” (FONTES DOMINICANAS, 1990, p. 163-164).

Quando se trata da luxúria podemos constatar que este pecado é quase sempre tratado a parte, pois atinge os homens de forma mais devastadora. A luxúria possui uma particularidade, é extremamente necessário à raça humana. Por isso advertem os teólogos como Tomás de Aquino, “quanto mais necessário for algo, tanto mais é necessário que se observe a regra da razão” (AQUINO, 2004, p. 107). Na narrativa acima utilizada por nós, temos uma mulher que por não pode controlar o seu próprio desejo sexual decide encerrar-se no mosteiro, mas, ainda assim, a lembrança de tais prazeres a perseguiam e só pôde ser livrada pelo nome de Jesus.

MARIA OU EVA? AS SANTAS E AS PECADORAS, SEUS MILAGRES E SEUS PECADOS NA LITERATURA MENDICANTE MEDIEVAL

Valorizaremos neste capítulo a exposição da tipologia feminina e dos milagres e pecados contidos nas fontes que nos vêm ocupando. Através de comentários sobre esses acontecimentos, faremos uma abordagem teórica do que se pode apreender do universo mendicante.

O que está explícito no discurso de cada uma das fontes em questão? Sem dúvida valorizar as Ordens Franciscana e Dominicana. Testemunhar àqueles que optaram por abraçar as respectivas religiões que fizeram a escolha correcta. Expondo ainda os comportamentos ideais aos frades e à sociedade laica, difundir os milagres e castigos que provinham de acordo com a conduta de cada um, atentar para a divulgação da perfeição da Ordem e de seus respectivos fundadores.

A figura e o universo femininos serão sempre o ponto de enfoque principal dentro deste capítulo. Voltaremos nossa atenção para as imagens que mais são utilizadas na representação feminina dentro de cada uma das fontes. E até ressaltar o aparecimento de novas figuras femininas – como modelo de santidade – dentro do universo monástico mendicante, como Clara de Assis e Catarina de Sena.

A abordagem da mulher neste capítulo diz respeito aos acontecimentos que a envolvem, actos de pecado, santificação e devoção que estão constantemente presentes no quotidiano medieval. As mulheres representadas nas crónicas e na literatura mendicante, que constituem nossas fontes, são expostas em seus ambientes quotidianos. Ainda que não possamos adotá-lo totalmente como expressão fiel da realidade quotidiana feminina, pois as narrativas reflectem a apreensão masculina dessa realidade, moldando-a de acordo com o que se quer mostrar em cada uma das situações relatadas.

A paisagem das representações das mulheres

As crónicas e a literatura hagiográfica em geral são importantes fontes e formas de conhecermos uma parte do universo feminino medieval. As mulheres revelam-se através de cada milagre, pecado ou acto de devoção. Mesmo vistas sob olhar masculino, podemos destacar uma particularidade na *Crónica* como fonte de conhecimento do universo feminino: “Através delas podem abordar-se, para além das representações masculinas do feminino, os condicionalismos em que decorrem os quotidianos das mulheres, já que alguns cronistas não se inibem em relatar os sentimentos e acções que elas normalmente protagonizam” (OLIVEIRA, 2000, p. 25).

Ao assimilarmos essa afirmativa como verdadeira dentro da linguagem cronística mendicante, poderemos facilmente visualizar as mulheres em situações como: o leite que lhes falta nos seios para amamentar os filhos, a recuperação dos cabelos arrancados pelos ciúmes do marido, um feto morto expelido sem dano físico para a mulher, partos difíceis mas bem-sucedidos e, mais numerosos, outros casos que relatam, de certa forma, que não há embaraço, por parte do cronista, à narração de factos íntimos do universo feminino.

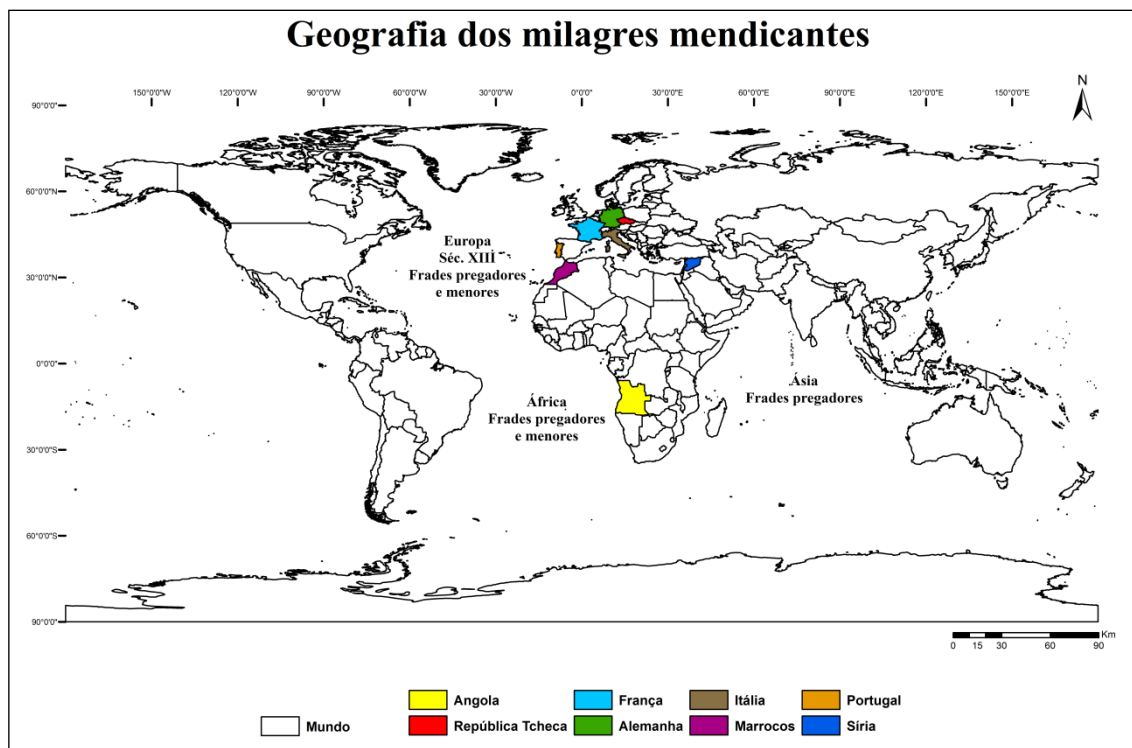


Figura 6. Distribuição global dos milagres.

As nossas fontes deram-nos, ainda, um singular acesso a um mundo feminino um pouco mais difícil de relatar: o das mulheres das classes menos favorecidas. De acordo com os relatos estudados aparecem-nos, com muita frequência, mulheres de classes sociais menos abastadas, mesmo que as mulheres das classes dominantes não deixem de estar também presentes no desenvolvimento dos acontecimentos que nos são narrados. Mas podemos seguramente afirmar que a maior parte feminina representada nas crônicas é a dos estratos menos favorecidos.

Entretanto, não podemos deixar de afirmar novamente que as nossas fontes “identificam um discurso masculino” (OLIVEIRA, 2001, p. 135). E discorreremos a partir do item seguinte, de que forma a mulher penetra nos ambientes essencialmente masculinos – o meio religioso – e destaca-se nesse meio de diversas maneiras, não só como “Eva”, mas também como “Maria”. É exemplo de realidades diversas, que ensinam aos frades a angústia da luxúria – ao ser a materialização da tentação –, mas que mostram a estes também a força da fé e dedicação a Deus – através de sua singular devoção e até mesmo imitação de Cristo.

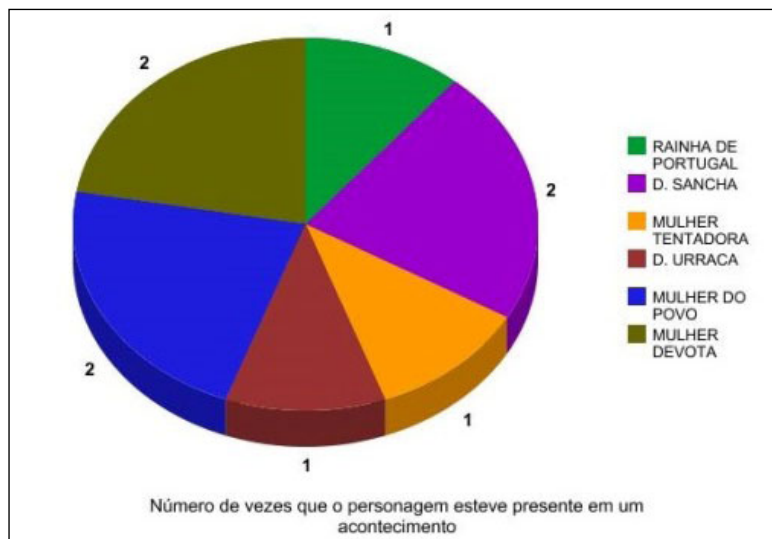
A mulher no Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos

Referentemente às mulheres encontramos no Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos algumas alusões à figura feminina. Algumas dessas, aliás, também já referidas por nós aquando da análise feita sobre a Crônica da Ordem, que também abre espaço para fazer menção a Vida Gloriosa desses frades menores até chegarem ao martírio em Marrocos.

A primeira referência neste Tratado sobre a mulher, respeita à rainha de Portugal, D. Urraca, e a uma profecia acerca de sua morte. D. Urraca recebeu os cinco frades menores com muita santidade, devoção e caridade. E pediu-lhes que eles orassem a Deus no intuito de revelar a ela o dia da sua morte. Entretanto, eles recusaram o pedido afirmando que não eram merecedores de tal conhecimento. Mas a Rainha tornou a pedir-lhes entre lágrimas. Os frades jejuaram e oraram na intenção do pedido feito pela Rainha. Foi-lhes, então, revelado tanto o dia da morte de D. Urraca, como o martírio pelo qual haviam de passar. Após uma oração, os frades revelaram-lhe que quando os seus corpos chegassem de Marrocos e entrassem em Coimbra, ela, o Rei e a clerezia os receberiam e o primeiro deles que os visse faleceria (MADAHIL, 1928).

A figura feminina aparece logo a seguir na pessoa de D. Sancha, irmã do Rei, ela também muito devota dos frades. Manda-lhes construir um convento em Alenquer e abençoa-o. D. Sancha era conhecida por sua generosidade e dedicação à caridade. De coração magnífico conforme a sua natureza e sangue real.

Gráfico 1. As mulheres no Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos (PERSONAGENS).

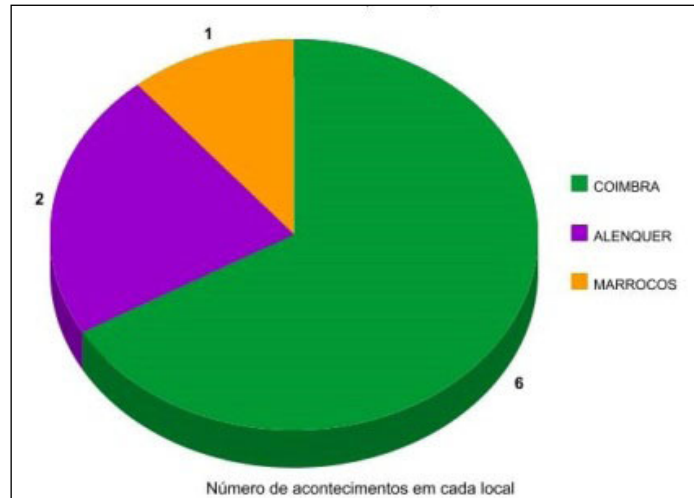


As duas mulheres que aparecem inicialmente no *Tratado* pertencem à alta nobreza e se destacam por terem características adequadas a uma mulher cumpridora de seus deveres religiosos e cristãos. São discretas, caridosas e principalmente ocupadas com os deveres da religião. Não entregam-se ao ócio e por isso são sábias. Apesar de possuidoras de beleza física, não dão lugar a vaidade. Podem pelo seu próprio exemplo levar outras mulheres a imitá-las.

A figura feminina aparece novamente no *Tratado* no momento em que os cinco frades menores são levados à presença do Rei de Marrocos. Mas o gênero de aparição é outro. Já não se ressaltam mais as boas qualidades da mulher, e sim, a mulher como forma de tentação. Pois além das riquezas que o Rei oferece aos frades menores para desistirem de sua fé, dá-lhes também as mais belas donzelas do reino – criadas no paço – para que possam entregar-se aos deleites da carne. Oferta não aceita pelos frades que desprezam tanto as riquezas quanto os deleites corruptíveis da carne (MADAHIL, 1928).

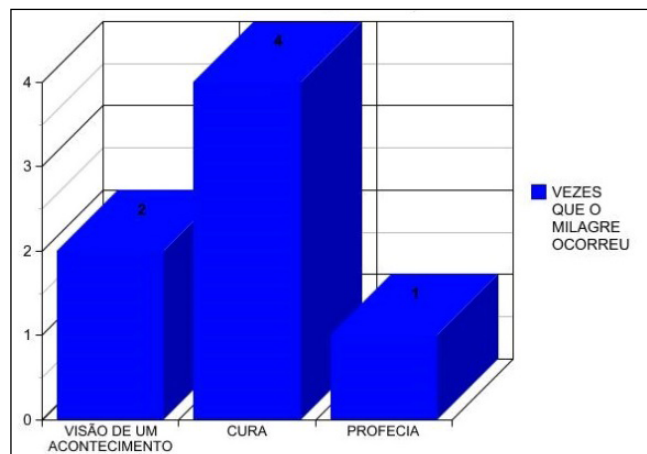
As outras referências a figuras femininas no Tratado aludem a duas mulheres que estavam possuídas pelo demónio e que dele foram livradas ao entrarem em contacto com as relíquias dos Santos Mártires. O primeiro relato da endemoninhada passa-se em Aguáda e trouxeram-na a Coimbra onde estiveram três dias em romaria sendo ela livrada dos demónios depois disso. A narrativa seguinte refere-se a outra mulher endemoninhada da Beira que, tendo sido levada em romaria à Nossa Senhora das Virtudes, passou antes por Coimbra e foi assim livrada do mal pela oração aos Mártires.

Gráfico 2. As mulheres no Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos (LOCAIS).



Depois de feito o tratamento das fontes podemos constatar ainda, que os acontecimentos maravilhosos ocorrem predominantemente em Portugal. Os *exempla* aqui, estão voltados majoritariamente para a cura, refletindo o contexto da época estudada onde havia carência imediata da saúde cotidiana do povo. Portanto, a função é mostrar a necessidade do contato constante com o divino e a obediência ao mesmo, no intuito de que sempre que necessário o auxílio sobrenatural chegaria.

Gráfico 3. As mulheres no Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos (MILAGRES).

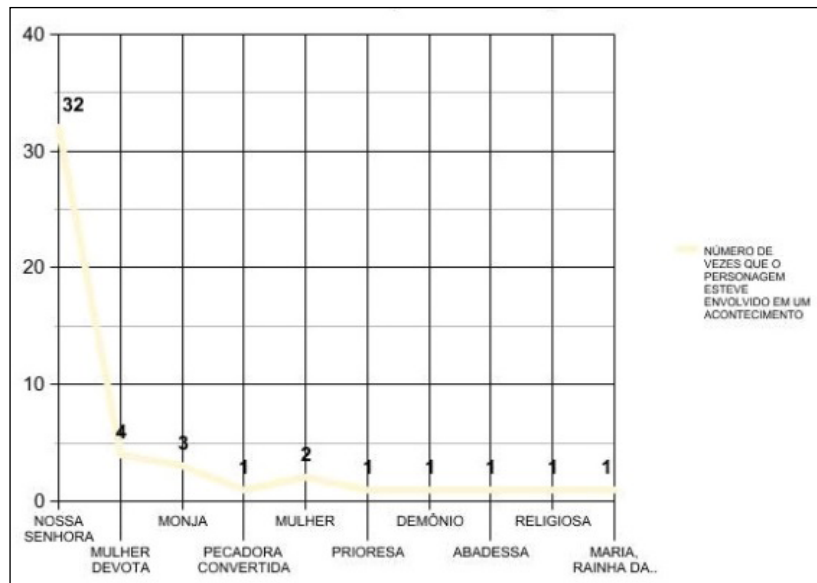


Podemos observar neste *Tratado* pelo menos duas condutas diferentes nas mulheres enunciadas. Uma dessas condutas diz respeito à mulher ideal, aquela que deveria ser imitada. É o comportamento relatado quando são mencionadas D. Urraca e D. Sancha. O oposto dessas figuras femininas caridosas e discretas é mostrado quando a narrativa referencia as mulheres trazidas pelo Rei Mouro à presença dos frades com o objetivo de tentá-los. Aparece então a imagem da mulher ligada a ideia tentadora de Eva, pois, neste caso, o objetivo das mulheres colocadas diante dos frades era o de induzi-los a abandonar a sua fé.

As mulheres nas Vidas dos Irmãos, de Gerardo de Franchet

Diferentemente das outras fontes estudadas – Crônica da Ordem dos Frades Menores e Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos – As Vidas dos Irmãos de Gerardo de Franchet, focam mais um tipo de conduta feminina que envolvem o problema da manifestação da santidade. Podemos ver reflectida essa conduta na devoção incondicional que nutrem pela Santíssima Virgem e na forma como referem-se constantemente a Ela.

Gráfico 4. As mulheres nas Fontes Dominicanas – As Vidas dos Irmãos Franchet (PERSONAGENS).



Liga-se o nascimento da Ordem de S. Domingos à intercessão directa de Maria perante a Deus. Diz um monge que teve uma visão antes do aparecimento da Ordem Dominicana:

Há tempo, arrebatado em êxtase, vi Maria, Nossa Senhora, a Mãe de Deus, de joelhos, com as mãos postas, rogando a seu filho pela humanidade. Suplicava-lhe que seguisse esperando a conversão. Disse-lhe o seu Filho: «Mãe, que se pode fazer ainda? Estive com eles, enviei apóstolos. Mataram sem contemplação a Mim e a eles. Depois tiveram mártires, doutores, confessores. E também não lhes fizeram caso. É verdade que não é justo que a Ti Te negue coisa nenhuma.

Dar-lhes-ei os meus Pregadores. Eles iluminá-los-ão para que não vivam no erro. Mas se o não fizerem, castigá-los-ei» (FONTES DOMINICANAS, 1990, p. 10).

A maioria das referências contidas nas *Vidas dos Irmãos* onde encontramos as mulheres representadas referem-se à Bem-Aventurada Virgem.

A devoção dominicana por Ela é bem conhecida. Os dominicanos exaltam constantemente a Virgem e atribuem a Ela a protecção que recebem. As visões de dentro e de fora da Ordem dos Pregadores multiplicavam-se e confirmavam o zelo especial que a Mãe de Deus cultivava pela Ordem Dominicana. É o que conta-nos o relato acerca de uma mulher devota da Virgem que ao ver dois frades pregadores muito jovens duvidou da seriedade do propósito destes, tendo ela sido repreendida pela própria Bem-Aventurada:

Por acaso não pensas ou não acreditas que eu não posso conservar os meus jovens servos que correm pelo mundo para salvar almas? E para saberes que Eu os amparo com singular tutela, aqui tens os que ontem desprezaste. Levantando o manto, mostrou-lhes uma grande multidão de frades, entre os quais estavam os que ela tinha olhado com desdém. Desde então arrependida, amou os frades de coração e divulgou isso por toda a Ordem (FONTES DOMINICANAS, 1990, p. 34-35).

A Virgem estava em sintonia com os frades pregadores no seu quotidiano, auxiliando-os a perseverar na fé e não os abandonando-os nos momentos de dúvidas, sempre cuidando amorosamente deles.

Um monje cisterciense comendo uma vez em Pisa, segundo se conta, no refeitório do convento dos Frades Pregadores, comeu tão pouco que, depois do almoço, um daqueles se aproximou dele e disse:

– Senhor Santiago – assim se chamava o monge – como é que comeste tão pouco ou quase nada tendo hoje os frades boa comida?

– Irmão – respondeu – crede que nunca na minha vida comi tão bem como hoje. O frade admirado por que diria ele isto, insistiu:

– Como pode ser isso? Eu vi que comeste só um bocadinho.

O monge explicou-lhe:

– Eu nunca comi tão bem porque nunca tive um servo como vocês tiveram hoje; pois, hoje eu vi claramente Nossa Senhora, a Virgem Maria, a servir os frades e a preparar-lhes todos os pratos. Fiquei tão confortado com isto que, pela alegria do meu espírito, pouco ou nada pude comer (FONTES DOMINICANAS, 1990, p. 41).

O carácter modelador dos textos escritos está sempre presente. Pois a narração dos acontecimentos tem a função de moldar os comportamentos dos irmãos. Polir a conduta de cada um, como, por exemplo, o caso de um irmão que ao dormir a noite deixou a roupa frouxa, por causa do calor, e os seus órgãos ficaram à mostra, a Virgem, que passava

juntamente com os santos a abençoar o dormitório, abençoou todas as celas excepto a dele. No outro dia foi admoestado pelo irmão que teve a visão da Mãe Santíssima para que tal deslize não voltasse a acontecer (FONTES DOMINICANAS, 1990, p. 36-37).

Encontramos aqui, ainda, uma narrativa referente a uma mulher que queria se matar por estar sempre a cometer graves pecados. Para fazê-lo come uma aranha venenosa. Entretanto, ela arrepende-se e pede ajuda a Mãe de Deus que lhe dá a absolvição dos pecados através de um frade pregador, assim se salvando (FONTES DOMINICANAS, 1990, p. 119).

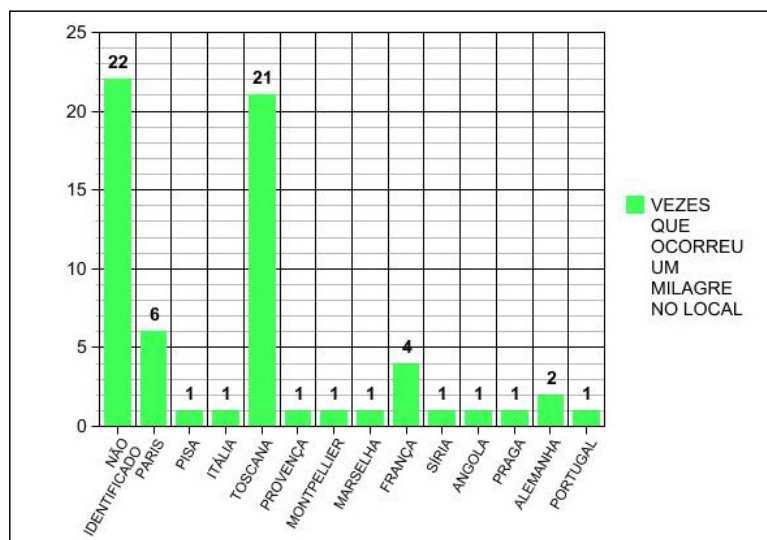
As mulheres religiosas e devotas igualmente se fazem presentes nas narrativas das *Vidas dos Irmãos*. Essas também aparecem sendo tentadas às vezes pela dor de algum acontecimento triste, ou ainda outras por sentirem vergonha do pecado que cometeram (FONTES DOMINICANAS, 1990, p. 121).

No entanto, em um desses relatos temos palavras que nos levam directamente ao objectivo pedagógico de que se ocupam as narrativas. O ensinar acerca do pecado e das tentações, e tirar ensinamentos proveitosos destas tribulações. E depois de ter narrado o acontecimento miraculoso, encerra da seguinte maneira:

Daqui se deduz manifestamente que assim como o homem é atormentado por aquelas mesmas coisas por que peca, também tira, depois, admiráveis consolações dessas mesmas coisas por que é tentado. Isto pode esclarecer-se com muitos exemplos de vidas dos Santos Padres (FONTES DOMINICANAS, 1990, p. 118).

Diferentemente da fonte franciscana estudada nesse trabalho, a fonte dominicana possui uma grande variedade de locais nos quais acontecem os eventos maravilhosos. Essa diversidade pode dá-se pela extensão da fonte que é bem maior em casuística que a anterior, oferecendo-nos uma possibilidade de visualização geográfica maior ao demonstrar a abrangência de alcance da Ordem dos Pregadores.

Gráfico 5. As mulheres nas Fontes Dominicanas – As Vidas dos Irmãos Franchet (LOCAIS).



As Vidas dos Irmãos demonstram-nos o quanto os frades pregadores valorizavam as qualidades da Sagrada Mãe de Deus. A narrativa refere-se numerosas vezes a ela e a atenção especial que a Santa dedicava a estes frades protegendo-os como seus filhos. Os frades pregadores têm em Maria sua protectora espiritual que está sempre a interceder pelos seus filhos mais chegados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este trabalho no intuito de trazer à luz algumas questões sobre as representações da mulher no seio do universo mendicante medieval. Para tanto, seleccionámos fontes escritas em português e que estivessem dentro do círculo monástico referido. As fontes utilizadas por nós foram fundamentalmente quatro: *Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos*, *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, *As Vidas dos Irmãos de Fr. Gerardo Franchet* e *as Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio*.

Dentro dessas fontes separámos todas as narrativas que faziam menção a mulheres, procurando assim retirar de cada uma delas, tanto quanto possível, informações sobre o quotidiano e os comportamentos femininos que exemplificam, enquanto literatura pedagógica doutrinária, formadora dos religiosos e religiosas dessas ordens regulares, a fronteira entre o bem e o mal, a salvação e a condenação, a santidade e o pecado.

Para trabalhar as representações da mulher no universo monástico mendicante, buscámos primeiramente compreender as figuras sagradas, os modelos do universo feminino de maior importância dentro de cada uma das Ordens citadas. Assim, trabalhamos com a história de três mulheres fundadoras em particular, Maria, Mãe de Jesus, Santa Clara de Assis e Santa Catarina de Siena.

Na devoção a Maria encontramos o modelo de perfeição que rege todos outros comportamentos femininos adequados para a sociedade medieval. A exaltação que se faz a Ela no período medieval é reconhecidamente vasto por toda a Europa. Podemos assim, verificar que apesar de verificarmos a devoção à Maria na Ordem Franciscana e Dominicana, esta segunda destaca-se por uma devoção muito singular que vai desde o seu nascimento à sua manutenção permanente. Uma vez que a Santa não descuida-se do Frades Pregadores nem nos seus afazeres quotidianos.

Notamos ainda, que na Ordem Franciscana apesar de também existir a devoção mariana, cultua-se com grande empenho a vida de santidade dos seus fundadores, como, o próprio São Francisco de Assis, mas também não descuidam-se da devoção à Santa Clara e a Santa Inês, relatando na própria *Crónica* milagres operados por meio da vida santa dessas duas irmãs.

Buscámos na história de cada uma das santas acima citadas, compreender o modelo de santidade feminina exaltado por cada uma das Ordens. Os franciscanos vêem em Clara de Assis o comportamento feminino mais adequado à santidade de mulher, mesmo que como toda a Igreja, também sejam absorvam o comportamento mariano como o mais perfeito de todos. Os dominicanos por seu turno, têm em Catarina de Siena, o modelo feminino de perfeição espiritual e ascética mais adequado à vida de uma mulher. Mas aqui

não podemos deixar de mencionar a singular devoção e afeição invulgar que a Ordem Dominicana cultiva pela Mãe de Deus, Maria, a padroeira da Ordem.

Após a compreensão da santidade feminina para cada uma das Ordens, buscamos entender a concepção cristã da mulher e o pecado. Para esta abordagem centramos a análise na associação que se fazia na Idade Média entre as mulheres e a índole de Eva como forma de justificação para a submissão, e ainda, para a justificação dos actos pecaminosos cometidos pelas mulheres. Não esquecemos de contextualizar o problema dos pecados mortais e principalmente sublinhar a associação que se fazia da mulher com a luxúria.

Ao nos direccionarmos para uma exposição da relação dos pecados mortais, como efeito de ilustração, utilizamos, para além de textos referentes às mulheres, contidos nas fontes, textos no qual os personagens em questão eram frades tentados a cometer os pecados por nós analisados.

Por ser motivo de insistentes ensinamentos e conter diversas narrativas abrimos uma análise mais pormenorizada para o pecado da luxúria. Apareceram-nos diversas mulheres que sofreram algum tipo de castigo ou advertência por não se comportarem adequadamente. Expusemos aí algumas narrativas contidas nas fontes no intuito de mostrar a visão da Ordem Franciscana sobre este pecado especificamente.

Finalmente, através das fontes seleccionadas expusemos a tipologia feminina essencial presente em cada uma das obras. Apareceram-nos então, as santas, as pecadoras, as devotas, as religiosas, as boas donas e as mulheres más... Mulheres cristãs e não-cristãs. E o olhar deles mostrou-nos elas, o que não nos impediu de enxergá-las dentro do seu quotidiano. A visão sobre elas pode ter sido limitada pelos olhos deles, mas não nos tirou o privilégio de ver um pouco do mundo delas e algumas das suas aspirações.

NOTAS

3 Paulo na sua carta aos romanos afirma que: “Deus, enviando seu filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado”, ou seja, o Filho de Deus nasceu através de uma mulher e da forma como todos os pecadores nasceram, mas não foi concebido por um acto de pecado o que anulou a sentença de morte da humanidade e criou a possibilidade de salvação para todos; Rm., 8, 3.

4 Refiro-me às admoestações de Paulo sobre a Salvação após o sacrifício de Cristo na cruz; Ef., 2, 1-10.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA, São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

ABREU, Maria Zina Gonçalves de, **O sagrado feminino**: da Pré-história à Idade Média, Lisboa, Edições Colibri, 2007.

AFONSO X. **Cantigas de Santa Maria** – Afonso X, o Sábio, Ed. Walter Mettmann, (Acta Universitatis Conimbrigensis), Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra,

1959, Vol. I, II, III e IV.

BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média**. Lisboa. Edições 70. 1983.

BROOKE, Christopher. **O casamento na Idade Média**. Mem Martins. Publicações Europa-América, 1989.

CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. Pecado. In Jacques Le Goff & Jean-Claude Schmitt (Orgs.). **Diccionario Razonado Del Occidente Medieval**. Madrid. Akal, 2003, pp. 637-645.

COELHO, Maria Helena da Cruz; VENTURA, Leontina. Os bens de Vataça – Visibilidade de uma existência. Coimbra. Separata da **Revista de História das Ideias** - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1987, Vol. 9.

COELHO, Maria Helena da Cruz; VENTURA, Leontina. A mulher como um bem e os bens da mulher, Coimbra, Separata de: **A mulher na sociedade portuguesa** – Colóquio, 1985.

COELHO, Maria Helena da Cruz; MARTINS, Rui Cunha. O monaquismo feminino cisterciense e a nobreza medieval portuguesa (séculos XIII-XIV). In **Theologica**, II Série, Vol. XXVIII, Fasc. 2, Braga, 1993, pp. 481-506.

COELHO, Maria Helena da Cruz. **Superstição, Fé e Milagres na Idade Média**. Coimbra. Tipografia Lousanense, 1995.

COSTA, P. Avelino de Jesus da. A Virgem Maria: Padroeira de Portugal na Idade Média, Lisboa, Separata da **Revista Lusitânia Sacra**, 1957, Tomo II.

CRÓNICA DA ORDEM DOS FRADES MENORES (1209-1285), Ed. José Joaquim Nunes, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1918, Vol. I e II.

CURTAYNE, Alice. **Santa Catarina de Sena**. Coimbra. Edições Quadrante, 1947.

DALARUM, Jacques. Olhares de Clérigos. In Klapisch-Zuber. Christiane (Dir.). **História das Mulheres no Ocidente** – A Idade Média. Porto. Edições Afrontamento, 1990, pp. 29-63.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho, O monaquismo feminino nas «Trevas da Idade Média»: o brilho das estrelas. In **CEMRI** – Em Torno da História das Mulheres (Centro de Estudos Pós-Graduados), Lisboa, Universidade Aberta, 2002, pp. 41-53.

DUBY, Georges; Perrot, Michelle. Escrever a História das Mulheres. In Klapisch-Zuber, Christiane (Dir.). **História das Mulheres no Ocidente** – A Idade Média, Porto, Edições Afrontamento, 1990, pp. 7-8.

DUBY, Georges. **As Damas do séc. XII** – Eva e os Padres, Lisboa, Teorema, 1996.

DUBY, Georges. **As Damas do séc. XII** – Heloísa, Leonor, Isolda e muitas outras, Lisboa, Teorema, 1995.

FONTES DOMINICANAS, As Vidas dos Irmãos de Fr. Gerardo de Franchet, Fátima, Edição do Secretariado Provincial, 1990.

FONTES FRANCISCANAS II – **Santa Clara de Assis**: Escritos, Biografias e Documentos, Ed. Fr. José António Correia Pereira, Braga, Editorial Franciscana, 2.^a ed., 1996.

FERRERES, Rafael D. **Enciclopedia de la Religión Católica**. Barcelona, Dalmau y Jover, 1953.

FONSECA, Fernando Taveira da. Notas acerca do pensamento religioso sobre a mulher:

- um sermão do século XVII. In **Actas do colóquio** – A mulher na sociedade portuguesa: visão histórica e perspectivas actuais. Coimbra. Instituto de História Económica e Social – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Vol. II, 1986, pp. 115-134.
- FRUGONI, Chiara. A mulher nas imagens - a mulher imaginada. In Klapisch-Zuber, Christiane (Dir.). **História das Mulheres no Ocidente** – A Idade Média, Porto, Edições Afrontamento, 1990, pp. 461-511.
- GASPAR, Maria do Rosário F. **Clara a constelação e o signo: vida e espiritualidade de Santa Clara de Assis**, Águeda, Paulinas, 2004.
- GATIER, Pierre-Louis. Mulheres no Deserto? In Berlioz, Jacques (Org.). **Monges e Religiosos na Idade Média**, Lisboa, Terramar, 1994, pp. 169-183.
- GOMES, Saul António. A religião dos clérigos: vivências espirituais, elaboração doutrinal e transmissão cultural. In Carlos Moreira Azevedo (dir.). **História Religiosa de Portugal**, Rio do Mouro, Círculo de Leitores, Vol. I, 2000, pp. 339-421.
- HERMITE-LECLERQ, Paulette L'. A ordem feudal (séculos XI – XII). In Klapisch-Zuber, Christiane (Dir.). **História das Mulheres no Ocidente** – A Idade Média, Porto, Edições Afrontamento, 1990, pp. 273-329.
- JEANNET, Claire-Pascale. **Santa Clara de Assis**. Braga. Editorial Franciscana, 1989.
- Klapicsh-Zuber, Christiane. A Mulher e a Família. In Le Goff, Jacques (Dir.). **O Homem Medieval**. Lisboa. Editorial Presença, 1989, pp. 193-208.
- JÚNIOR, Hilário Franco. **A serpente, espelho de Eva: iconografia, analogia e misoginia em fins da Idade Média**. Lisboa. Medievalista, 2020.
- Klapicsh-Zuber, Christiane. **História das Mulheres no Ocidente** – A Idade Média, Porto, Edições Afrontamento, 1990.
- Klapicsh-Zuber, Christiane. Masculino/Femenino. In Jacques Le Goff & Jean-Claude Schmitt (Orgs.). **Diccionario Razonado Del Occidente Medieval**. Madrid. Akal, 2003, pp. 507-516.
- LACORDAIRE OP, H. D. **Vida de S. Domingos**. Senhora da Hora. Edições Praedicare, 2003.
- MADAHIL, António Gomes da Rocha. **Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos**. Coimbra. Imprensa da Universidade, 1928.
- MARQUES, Maria Alegria Fernandes. **Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal**, Lisboa. Edições Colibri, 1998.
- MARTINS, Mário, O Ciclo Franciscano na Nossa Espiritualidade Medieval, Separata de **Biblos**, Vol. XXVII, Coimbra, Coimbra Editora, 1951.
- MATTOSO, José, A mulher e a família. In **Actas do colóquio** – A mulher na sociedade portuguesa: visão histórica e perspectivas actuais, Coimbra, Instituto de História Económica e Social – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Vol. I, 1986, pp. 35-49.
- MINOIS, Georges. **As Origens do Mal**. Lisboa. Teorema, 2004.
- NASCIMENTO, Aires A. **Milagres Medievais**. Lisboa. Edições Colibri, 2004.
- OLIVEIRA, Ana Rodrigues. A imagem da mulher nas crónicas medievais. In **Faces de Eva: Estudos sobre a mulher**, Lisboa, Edições Colibri, 2001, pp. 131-147.
- OLIVEIRA, Ana Rodrigues. **As representações da mulher na cronística medieval**
-

portuguesa (sécs. XII a XIV), Cascais, Patrimonia, 2000.

OPITZ, Claudia. O quotidiano da mulher no final da Idade Média (1250 – 1500). In Klapisch-Zuber, Christiane (Dir.). **História das Mulheres no Ocidente – A Idade Média**. Porto. Edições Afrontamento, 1990, pp. 353-435.

PARISSE, Michel, As Freiras. In Berlioz, Jacques (Org.). **Monges e Religiosos na Idade Média**. Lisboa, Terramar, 1994, pp. 185-200.

PEREIRA, Jairzinho Lopes. Propter Peccatum Originale: O pecado Original e a Natureza Humana em Agostinho e Lutero - Breves Considerações, Coimbra, Separata de Estudos da **Revista do Centro Académico de Democracia Cristã**, 2006, Nova Série Nº 6.

PERNOUD, Regine. **A mulher no tempo das catedrais**. Lisboa. Gradiva, 1980.

PILOSU, Mario. **A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média**. Lisboa. Editorial Estampa, 1995.

ROSA, Maria de Lurdes. A religião no século: vivências e dovoções dos leigos. In Carlos Moreira Azevedo (dir.). **História Religiosa de Portugal**, Rio do Mouro, Círculo de Leitores, Vol. I, 2000, pp. 423-510.

ROUCHE, Michel. Mitos e Mistérios: da Antiguidade ao mundo medieval. In Duby, Georges (Dir.); Perrot, Michelle. **Imagens da Mulher**. Porto. Afrontamento, 1992, pp. 35-67.

SANTA CATALINA DE SIENA, **El dialogo**, Trad. Angel Morta, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1955.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2004.

SANTO AGOSTINHO. **Diálogo sobre o Livre Arbítrio**, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2000.

SANTO TOMÁS DE AQUINO. **Sobre o Ensino** (De magistro), os sete pecados capitais, São Paulo, Martins Fontes, 2004.

SARANYANA, Josep-Ignasi. **La discusión medieval sobre la condición femenina** (Siglos VIII al XIII). Salamanca, Universidad Pontificia, 1997.

TAVARES, Maria José Ferro. A mulher e a sua condição na Idade Média portuguesa: da legislação à realidade. In **CEMRI – Em Torno da História das Mulheres**, Centro de Estudos Pós-Graduados, Lisboa, Universidade Aberta, 1998, pp. 67-83.